

Paulo, modelo de evangelizador

D. ANTÓNIO COUTO*

1. Um Paulo nascido do sangue, do zelo e do esforço metódico

As páginas autobiográficas que se seguem mostram-nos um Paulo orgulhoso da sua raça, das suas raízes culturais e religiosas, que recorda e ostenta com vivo entusiasmo e emoção, ao mesmo tempo que nos deixam ver o entranhado empenho com que se devotou a elas a tempo inteiro e de corpo inteiro, defendendo ciosa, enérgica e, por vezes, violentamente o seu tesouro judaico – assiste-se a uma «progressão de privilégio» do plano da raça e do sangue para o plano religioso e teológico¹ – de tudo aquilo que lhe parecia hostil, nomeadamente a jovem Igreja de Cristo²:

«11,²²São hebreus? Também eu. São israelitas? Também eu. São descendentes de Abraão? Também eu» (2 Cor 11,22).

«11,¹Eu também sou israelita, da descendência de Abraão, da tribo de Benjamim» (Rm 11,1).

* Faculdade de Teologia – Universidade Católica Portuguesa. Bispo Auxiliar de Braga.

¹ M. J. HARRIS, *The Second Epistle to the Corinthians. A Commentary on the Greek Text*, Grand Rapids – Milton Keynes, Eerdmans – Paternoster, 2005, p. 794-796.

² Ver também C. M. MARTINI, *Il Vangelo di Paolo*, Milão, Ancora, 2007, p. 12-15; J. GNILKA, *Pablo de Tarso. Apóstol y testigo*, Barcelona, Herder, 1998, p. 25.

«3,⁵Circuncidado ao oitavo dia, da raça de Israel, da tribo de Benjamim, hebreu, filho de hebreus, quanto à lei fariseu, ⁶quanto ao zelo, perseguidor (*diôkôn*) da Igreja, quanto à justiça que há na Lei, irrepreensível» (Fl 3,5-6).

«1,¹³Ouvistes certamente da minha conduta de outrora no judaísmo, de como com excesso (*kath' hyperbolên*) perseguiu (*ediôkon*: imperf. de *diôkô*) a Igreja de Deus e a devastava (*epôrthoun*: imperf. de *porthêô*), ¹⁴e progredia (*proékopton*: imperf. de *prokóptô*) no judaísmo mais do que muitos da minha idade e da minha raça, sendo muito mais zeloso das tradições dos meus pais» (Gl 1,13-14).

De notar ainda, neste último texto, os três imperfeitos de duração seguidos, que marcam bem a sua acção constante³. Por estes breves acenos autobiográficos, podemos entrever um retrato de Paulo, sem meias tintas – «Ninguém pode servir a dois senhores» (Mt 6,24) vale para o homem oriental; nós, ocidentais, arranjam sempre maneira de o conseguir fazer! –, organizado, determinado e apaixonado, de acordo com a descrição precisa de Amédée Brunot, que refere que Paulo se apresenta como «homem de razão como o grego, homem de acção como o romano, homem de paixão como o oriental»⁴.

2. Uma luz que vem de fora

Encontram-se no Livro dos Actos dos Apóstolos três descrições da reviravolta (evitemos o termo «conversão») operada na vida de Paulo: Act 9,1-19 (em terceira pessoa), Act 22,1-21 e 26,2-23 (em forma autobiográfica). A descrição mencionada em Act 26,2-23 constitui o último discurso que Paulo faz em sua defesa, em Cesareia Marítima, diante do rei Agripa, e é a mais rica em acenos autobiográficos. Deixando de lado aspectos inverosímeis como, por exemplo, a perseguição em cidades estrangeiras (26,11-12; cf. 9,2; 22,5) movida a partir de Jerusalém⁵, retenhamos apenas aquela luz nova, vinda

³ S. LÉGASSE, *L'Épître de Paul aux Galates*, Paris, Cerf, 2000, p. 87, nota 4.

⁴ A. BRUNOT, *Le génie littéraire de Saint Paul*, Paris, Cerf, 1955, p. 227.

⁵ Ver, por exemplo, G. BORNKAMM, *Pablo de Tarso*, Salamanca, Sígueme, 1979, p. 48; J. BECKER, *Paul «L'Apôtre des nations»*, Paris – Montreal, Cerf – Médiaspaul, 1995, p. 77; C. M. MARTINI, *Il Vangelo di Paolo*, p. 10. É inverosímil a perseguição em cidades estrangeiras, como são igualmente inverosímeis a sua vinda muito cedo para Jerusalém (Act 22,3; 26,4-5), a sua formação aos pés de Gamaliel em Jerusalém (Act 22,3), a sua participação na perseguição e morte de Estêvão (Act 7). Paulo afirma sob juramento que não esteve em Jerusalém nos anos anteriores

de fora, em pleno meio-dia, que atinge e envolve Paulo de forma decisiva (Act 9,3; 22,6; 26,13):

«9,³Enquanto caminhando, aconteceu, quando se aproximava de Damasco, subitamente, relampejou à minha volta (*periêstrapsen*: aor. de *periastráptō*) uma luz (*phôs*), vinda do céu» (Act 9,3).

«22,⁶Aconteceu que, enquanto caminhava, e ao aproximar-me de Damasco, pelo meio-dia, subitamente, do céu relampejou (*periastrápsai*: inf. aor. de *periastráptō*) uma luz (*phôs*) à minha volta» (Act 22,6).

«26,¹³Ao meio-dia, no caminho, vi, ó rei, vindo do céu, com mais brilho do que o sol, uma luz (*phôs*) a refulgir à minha volta (*perilámpsan*) e dos que iam comigo» (Act 26,13).

Luz nova, porque vinda de fora, do céu, de Deus, arrasta consigo uma nova criação, um novo nascimento: no «dia Um» da criação, «Deus viu que a luz era boa» (Gn 1,3-4), e foi nesta bondade que tudo foi criado; quando Isaías põe em cena o menino-messias (Is 9,1-6), «uma luz refulge (*phôs lámpsei* LXX)» (Is 9,1); quando Jesus nasce em Belém, «a glória do Senhor refulgiu à volta (*periélampsen*) deles [pastores]» (Lc 2,9)⁶.

Lida por Paulo, esta luz nova – nova criação e novo nascimento (2 Cor 4,6 é o eco de Gn 1,3-4, modificado pela expressão *phôs lámpsei* [= «uma luz refulge»] de Is 9,1)⁷ – recria-o e recria-nos, desde o coração, com um novo conhecimento e um novo nascimento (2 Cor 4,6)⁸:

«4,⁶Porquanto, Deus, aquele que disse: “Das trevas a luz refulgirá (*phôs lámpsei*)”, é aquele que refulgiu (*élampsen*) nos nossos corações para a iluminação (*pròs phôtismón*) que é o conhecimento da glória de Deus (*tês*

nem imediatamente seguintes à Revelação que lhe foi feita (Gl 1,17-20), e que, bastantes anos decorridos, o seu rosto era ainda desconhecido pelas comunidades de Jerusalém (Gl 1,22-24). É aceitável que, no momento da Revelação, Paulo residisse em Damasco (dedução do «regresso» de Gl 1,17), e que a sua formação na linha farisaica podia ter sido recebida em qualquer sinagoga de certa importância na diáspora, como, por exemplo, Tarso. Ver, por exemplo, J. BECKER, *Paul «L'Apôtre des nations»*, p. 28-31.51-52.

⁶ Ph. BOSSUYT, J. RADERMAKERS, *Témoins de la Parole de la Grâce. Lecture des Actes des Apôtres. 2. Lecture continue*, Bruxelas, Éditions de l'Institut d'Études Théologiques, 1995, p. 662, e nota 40.

⁷ M. J. HARRIS, *The Second Epistle to the Corinthians*, p. 334; J. D. G. DUNN, *The Theology of Paul the Apostle*, Edimburgo, T & T Clark, 1998, p. 29.

⁸ C. M. MARTINI, *Il Vangelo di Paolo*, p. 11; J. BECKER, *Paul «L'Apôtre des nations»*, p. 96.

gnôseôs tês dóxês tou theou)⁹ no rosto de [Jesus] Cristo (*en prosôpô Christou*)» (2 Cor 4,6).

Novo conhecimento de Deus, que se declina na passiva: conhecer Deus é ser conhecido primeiro por Deus¹⁰. O conhecimento na passiva precede o nosso conhecimento activo, que pressupõe aquele¹¹.

Ver, a propósito deste novo conhecimento que se declina na passiva, o texto de Gl 4,9, em que Paulo faz uma afirmação na activa, para logo a corrigir, completar e reformular pela passiva:

«4,⁸Outrora, porém, não conhecendo (*ouk eidôtes*: part. perf. de *oîda*) Deus, servistes a deuses que, na sua verdadeira natureza (*phýsei*), não o são. ⁹Agora, porém, tendo conhecido (*gnôntes*: part. aor2 de *ginôskô*) Deus, ou melhor (*mállon dè*), tendo sido conhecidos (*gnôsthéntes*: part. aor2 pass. de *ginôskô*) por Deus (*hypò theou*)» (Gl 4,9).

O uso repetido, mas corrigido (da activa para a passiva), do aoristo do verbo conhecer marca a ruptura com o longo estado anterior de desconhecimento de Deus, expresso com o perfeito – «não conhecendo (*ouk eidôtes*: part. perf. de *oîda*) Deus» (Gl 4,8) –, e sublinha o início de uma nova relação estabelecida por uma livre e gratuita iniciativa de Deus, antigamente com Israel, agora com os Gálatas¹².

Ver também o extraordinário conhecimento expresso em 1 Cor 13,12:

«13,¹²Vemos (*blépomen*: ind. pres. de *blépô*) agora, na verdade, através de um espelho, de maneira confusa (*ainígmati*); então, ao contrário, rosto a rosto (*prósôpon pròs prósôpon*). Agora conheço (*ginôskô*) parcialmente (*ek mérous*). Então, ao contrário, conhecerei (*epignôsomai*: fut. de *epiginôskô*) como também fui conhecido (*epegnôsthen*: aor. pass. de *epiginôskô*)» (1 Cor 13,12).

Extraordinário e completo conhecimento pessoal, expresso na passagem do verbo normal *ginôskô* para o verbo pleno *epiginôskô*¹³. A verdadeira natureza

⁹ Pode tratar-se de um genitivo subjectivo ou fontal ou de um genitivo epexegetico. Ver M. J. HARRIS, *The Second Epistle to the Corinthians*, p. 335-336.

¹⁰ J. D. G. DUNN, *The Theology of Paul the Apostle*, p. 47.

¹¹ D. MARGUERAT, *La mystique de l'Apôtre Paul*, in J. SCHLOSSER (ed.), *Paul de Tarse. Congrès de l'ACFEB (Strasbourg, 1995)*, Paris, Cerf, 1996, p. 317; S., *L'Épître de Paul aux Galates*, p. 313.

¹² S. LÉGASSE, *L'Épître de Paul aux Galates*, p. 313, e nota 2.

¹³ No grego clássico, o nome *epignôsis* e o verbo correspondente *epiginôskô* podem significar o conhecimento completo e perfeito, distinto do conhecimento parcial, expresso com *gnôsis* e *ginôskô*, ainda que possam também ser usados como sinónimos. Ver M. BARTH, H. BLANKE, *The Letter to*

e medida deste conhecimento vem de Deus¹⁴. O «rosto a rosto» lembra e remete para o «boca a boca» de Nm 12,8, com a intimidade de um beijo¹⁵.

Novo conhecimento. Dado por Deus, a partir de Deus, e não adquirido a partir das nossas categorias. É iluminante o texto de 1 Cor 8,2, a que associamos, para uma correcta compreensão, o versículo precedente:

«8,¹ Acerca das coisas sacrificadas aos ídolos, sabemos (*oídamen*) que todos conhecimento (*gnôsis*) temos. Mas o conhecimento (*hê gnôsis*) incha (*physiô:* pres. de *physiôô*); é o amor (*hê dê agápê*) que edifica (*oikodomeî*). ²Se alguém pensa conhecer (*egnôskénai*: inf. perf. de *ginôskô*) alguma coisa, ainda não (*oúpô*) conheceu (*égnô*: aor² de *ginôskô*) como se deve (*kathôs deî*) conhecer (*gnônai*: inf. aor² de *ginôskô*) (1 Cor 8,1-2).

Dado o contexto, salta à vista que, para se «conhecer como se deve», não basta o conhecimento pagão ou natural, simplesmente preso à terra¹⁶, e que da terra brota, cresce ou incha (*physiôô* remete para *phýsis* = natureza, de *phýô*, que significa «nascer», «crescer»)¹⁷. É necessário o amor. No texto acima transcrito, é óbvia a oposição entre o conhecimento e o amor¹⁸. Mas salta igualmente à vista a oposição entre o conhecimento acabado (tempo perfeito) e o processo frágil do conhecimento (tempo aoristo) como se deve¹⁹. Bem o sabemos. Não podemos conhecer verdadeiramente alguma coisa ou alguém, sem um processo humilde e frágil de procura e encontro e sem nos apaixonarmos de outra maneira por essa coisa ou por essa pessoa²⁰. «Como se deve» arrasta consigo o inteiro Evangelho, vida dada, porque verdadeiramente recebida.

A vanglória (o vento) incha, rebenta e destrói; não constrói. É o amor que constrói:

Philemon. A New Translation with Notes and Commentary, Grand Rapids – Cambridge, Eerdmans, 2000, p. 284.

¹⁴ A. C. THISELTON, *The First Epistle to the Corinthians. A Commentary on the Greek Text*, Grand Rapids – Cambridge – Carlisle, Eerdmans – Paternoster, 2000, p. 1070.

¹⁵ A. C. THISELTON, *The First Epistle to the Corinthians*, p. 1071.

¹⁶ Como bem refere Maurice Blanchot, ser pagão significa «fixar-se», quase cravar-se na terra. Etimologicamente, *pagus* designa o marco, a estaca de marcação cravada na terra. M. BLANCHOT, *Infinito Intrattenimento*, Turim, Einaudi, 1977, p. 167-168; A. ERNOUT, A. MEILLET, *Dictionnaire Étymologique de la Langue Latine. Histoire des mots*, Paris, nova edição revista, corrigida e aumentada, 1939, p. 722-723.

¹⁷ A. COUTO, *Pentateuco. Caminho da vida agraciada*, Lisboa, UCE, 2.^a ed. rev., 2005, p. 207.

¹⁸ A. C. THISELTON, *The First Epistle to the Corinthians*, p. 623.

¹⁹ A. C. THISELTON, *The First Epistle to the Corinthians*, p. 624.

²⁰ B. MAGGIONI, *Il Dio di Paolo. Il vangelo della grazia e della libertà*, Milão, Paoline, 2.^a ed. actualizada e ampliada, 2008, p. 152-153.

«13,⁴O amor é paciente (*makrothymē*)²¹,/ é amável o amor,/ não inveja o amor,/ não se vangloria,/ não incha (*physioutai*),/ ⁵não é inconveniente,/ não procura as próprias coisas (*ou zēteî tâ heautês*),/ não se irrita,/ não pensa mal» (1 Cor 13,4-5).

É de salientar que o verbo *physiôô* se faça ouvir seis vezes na Primeira Carta aos Coríntios (1 Cor 4,6.18.19; 5,2; 81; 13,4) e apenas mais uma vez no resto do NT (Cl 2,18)²².

3. Três textos aurorais

A aurora é a metáfora de uma luz nova, que vem de fora, e que se contrapõe à metáfora da luz que em nós mora, a luz da nossa pequena razão. A iniciativa gratuita de Deus precede sempre a nossa pesquisa, o nosso pequeno esforço, meditação, exercícios espirituais, longas orações, jejuns²³. Vejamos os três lugares clássicos em que Paulo diz, em jeito autobiográfico, esta imensa novidade:

«15,³Transmiti-vos (*parédoka*: aor. de *paradidômi*), na verdade, em primeiro lugar, aquilo que eu mesmo recebi (*parélabon*: aor de *paralambánô*): que Cristo morreu (*apéthanen*: aor2 de *apothnêskô*) pelos nossos pecados segundo as Escrituras, ⁴e que foi sepultado (*etáphê*: aor2 pass. de *tháphô*) e que foi ressuscitado (*egégertai*: pf. pass. de *egeirô*)²⁴ ao terceiro dia segundo as Escrituras, ⁵e que SE FEZ VER (*ôphthê*: aor. pass. de *horáô*) a Cefas (*Kêphā*), e depois aos Doze. [...] ⁸Em último lugar, FEZ-SE VER (*ôphthê*) também a mim (*emoî*), ⁹(...)o mais pequeno dos apóstolos (*ho eláchistos tôn apostólôn*) (...); ¹⁰é pela graça de Deus (*cháriti dē theoû*) que sou o que sou (*eimi hó eimi*), e a sua graça em mim não ficou vazia (*kenê*)» (1 Cor 15,3-5.8-10).

«1,¹¹Dou-vos a conhecer (*gnôrizô*), irmãos, o EVANGELHO evangelizado por mim (*tô euaggélion tò euaggelisthên hyp' emoû*), que não é segundo o homem (*ouk éstin katà ánthrôpon*), ¹²nem, na verdade, eu o recebi de homem (*oudè gàr egô parà ánthrôpou parélabon autó*), nem fui ensinado (*oúte edidáchthên*: aor. pass. de *didáskô*), mas por REVELAÇÃO de JESUS CRISTO (*allà di' apokalýpsēs Iêsoû*

²¹ O quinto dos treze atributos de Deus é «paciente» (*makrothymos* LXX) (Ex 34,6). O termo grego traduz a expressão hebraica *'erek 'apayim* [= «largo de narinas»].

²² A. C. THISELTON, *The First Epistle to the Corinthians*, p. 622.

²³ C. M. MARTINI, *Il Vangelo di Paolo*, p. 18-19.

²⁴ A formulação no perfeito, depois de dois aoristos, indica que Cristo foi ressuscitado (passivo teológico) e vive para sempre. K. STOCK, *I Racconti Pasquali dei Vangeli Sinottici*, Roma, Pontificio Istituto Biblico, 2.^a impressão, 2002, p. 11.

Christoû). [...] ¹⁵Quando, pois, aprouve (*eudókêsen*) a Deus – aquele que me separou (*aphorísas*) desde o ventre de minha mãe, e me chamou (*kaléo*) por meio da sua graça –, ¹⁶REVELAR (*apokalýpsai*) o seu Filho em mim, a fim de o evangelizar (*hína euaggelizomai autón*)» (Gl 1,11-12.15-16).

«^{3,12}Não que eu já a tenha recebido (*élabon*: aor² de *lambánô*) ou já tenha chegado à perfeição (*teteleíomai*: perf. pass. de *teleíôô*), mas persigo / corro (*diôkô*) para a agarrar (*katalábô*), pois também FUI AGARRADO (*kateîlêmphthên*: aor. pass. de *katalambánô*) por Jesus Cristo. ¹³Irmãos, eu mesmo não penso tê-la agarrado (*kateilêphénai*: inf. perf. *katalambánô*), mas UMA COISA (*hèn dé*): as coisas atrás (*tà ôpísô*) esquecendo (*epilanthanómenos*: part. pres. médio de *epilanthánomai*), para as coisas à frente (*toîs émprosthén*) me atirando (*epekteínómenos*: part. pres. médio de *epekteínomai*), ¹⁴para a META (*skopós*) persigo / corro (*diôkô*) para o PRÉMIO (*brabeíon*) da chamada celeste de Deus (*tês ánô klêseôs toû theoû*) em Cristo Jesus (*en Christô Iêsoû*)» (Fl 3,12-14).

É grandemente significativo que, para falar deste começo novo, imprevisível e não programável – que não é «segundo o homem» nem o «recebeu de homem» nem «foi ensinado» (Gl 1,11 e 12) –, Paulo recorra a dois verbos de REVELAÇÃO (*ôphthê*, aor. pass. de *horáo*, e *apokalýptô*) e a um de LUTA (*kateîlêmphthên*, aor. pass. de *katalambánô*).

A locução *ôphthê Kêphã* [= «Fez-se ver a Cefas»] (1 Cor 15,5) ou *ôphthê emoi* [= «fez-se ver a mim»] (1 Cor 15,8) merece a nossa atenção. *Kêphã* [= «a Cefas»] ou *emoi* [= «a mim»] configura um dativo dito «do beneficiário» usado com o passivo *ôphthê*, com significado intransitivo. Esta construção do verbo «ver» (*ôphthê*) sublinha a iniciativa gratuita e soberana de Deus, que deve traduzir-se por «fez-se ver a», e não por «foi visto por»²⁵, salvaguardando a iniciativa absoluta de Deus.

A locução *apokálypsis Iêsoû Christoû* [= «revelação de Jesus Cristo»] (Gl 1,12), sendo «de Jesus Cristo» um genitivo subjectivo que acentua que é de Jesus Cristo a acção de revelação²⁶, subtrai o Evangelho evangelizado por Paulo do âmbito da acção didáctica, da instrução, da aprendizagem e transmissão humana, mas também do âmbito da autodidáctica – Paulo não aprendeu por si mesmo –, para o âmbito novo da «teodidáctica» ou da intervenção divina. Paulo apresenta-se

²⁵ J. Delorme DELORME, *La Résurrection de Jésus dans le langage du Nouveau Testament*, in H. CAZELLES, J. DELORME, L. DEROUSEAUX, J. LE DU, R. MACÉ, *Le langage de la foi dans l'Écriture et dans le monde actuel. Exégèse et catéchèse*, Paris, Cerf, 1972, p. 143; K. STOCK, *I Racconti Pasquali dei Vangeli Sinottici*, p. 11; A. C. THISELTON, *The First Epistle to the Corinthians*, p. 1198-1203.

²⁶ S. LÉGASSE, *L'Épître de Paul aux Galates*, p. 80.

aqui como um «teodidacta» (*theodídaktos*) (cf. 1 Ts 4,9)²⁷, sendo o Evangelho que vive e anuncia obra de Deus nele gravada por amor²⁸. O Evangelho (*tò euaggélion*) é um termo tipicamente Paulino, pertencendo a Paulo 60 das 76 menções que ocorrem no NT²⁹.

Ensinado por Deus (*theodídaktos*), recebedor de Deus (*theodóchos*), imitador (*mimêtês*) de Deus (1 Cor 11,1; cf. 4,16; Ef 5,1; 1 Ts 1,6; 2 Ts 3,7): ser na terra um «mimo» (*mîmos*) de Deus, fazer como Deus faz, fazer descer o céu à terra³⁰.

O verbo grego *katalambánô*, presente no texto de Fl 3,12, na forma passiva (*katelêmphthên*), significa «agarrar com força», «prevalecer sobre», «segurar com firmeza»³¹. Trata-se de uma acção de conquista, como bem refere o Papa Bento XVI, que traduziu Fl 3,12: «conquistado por Jesus Cristo»³². Claramente: não foi Paulo que correu ao encontro de Jesus; foi Jesus que correu ao encontro de Paulo e o AGARROU. A iniciativa está toda da parte de Jesus³³. É evidente que esta acção conquistadora de Jesus (aoristo) abre um Capítulo novo na vida de Paulo, que ainda não chegou à perfeição nem a agarrou para sempre (dois perfeitos). Note-se bem como estes dois perfeitos, que implicam duração no tempo – *teteleíômai* (Fl 1,12) e *kateilêphênai* (Fl 1,13) – são rasgados por aquela acção conquistadora de Jesus, que aparece em aoristo histórico (*katelêmphthên*). Quando Jesus irrompe na vida de alguém, necessariamente interrompe a normalidade de um percurso e rasga essa vida em duas partes desiguais: uma que fica para trás, / outra que se abre agora diante de nós (Fl 3,13), recta como uma seta directa a uma meta, a um alvo, a um objectivo intenso e claro (Fl 3,14). Tão intenso e claro que na vida de cada um só pode haver um, como só por uma vez também ocorre o termo *skopós* no NT (Fl 3,14)³⁴. Digamo-lo de outra maneira:

²⁷ «Vós ensinados (*theodídaktôi*) sois a amar-vos uns aos outros (*eis tò agapân allêlous*)» (1 Ts 4,9). Termo usado só aqui em todo o AT e NT. Esta é também a primeira vez, que se saiba, que o termo é usado na literatura grega. A ideia, porém, é muito bíblica, e pode ver-se em Is 54,13 («Todos os teus filhos serão discípulos de YHWH») e Jo 6,45 («Todos serão ensinados por Deus»). Ver S. LÉGASSE, *Les Épîtres de Paul aux Thessaloniens*, Paris, Cerf, 1999, p. 234.

²⁸ S. LÉGASSE, *L'Épître de Paul aux Galates*, p. 79-81.

²⁹ D. J. MOO, *The Epistle to the Romans*, Grand Rapids – Cambridge, Eerdmans, 1996, p. 43, nota 16.

³⁰ J. BAUDER, *miméomai* imitar, seguir atrás de; *mimêtês* imitador; *summimêtês* coimitador, in L. COENEN, E. BEYREUTHER, H. BIETENHARD (eds.), *Diccionario teológico del Nuevo Testamento*, IV, Salamanca, Sígueme, 1984, p. 181-182.

³¹ B. MAGGIONI, *Il Dio di Paolo*, p. 35 e 241-242; B. SIEDE, *Recibir, tomar (lambánô)*, in L. COENEN, E. BEYREUTHER, H. BIETENHARD (eds.), *Diccionario teológico del Nuevo Testamento*, IV, p. 25 e 28.

³² Ver Discurso proferido na Audiência concedida aos Participantes no Congresso para os Novos Bispos, em 22 de Setembro de 2008. Ver também L. DE LORENZI, *La vida espiritual de Pablo*, in G. BARBAGLIO (ed.), *Espiritualidad del Nuevo Testamento*, Salamanca, Sígueme, 1994, p. 93 e 96-98.

³³ B. MAGGIONI, *Il Dio di Paolo*, p. 35 e 242.

³⁴ J. L. SUMNEY, *Philippians. A Greek Student's Intermediate Reader*, Peabody, Hendrickson Publishers, 2007, p. 87.

Era uma vez uma estrada, uma carreira, um curso, um percurso,
que só havia uma maneira de fazer: a correr.
Está-se mesmo a ver
só se iria inscrever
quem não gostasse mesmo nada de perder.

Corria então nessa estrada
um famoso corredor,
a transbordar de zelo e de ardor,
indómito lutador.
Já se sabia,
saía
sempre vencedor.

Até que um dia
à hora do meio-dia,
do sol a pique e de Deus na via,
um novo corredor vindo de fora,
não se sabe de onde,
agarrava
e ultrapassava
nessa estrada
o corredor.

A estrada era para os lados de Damasco,
Paulo o corredor,
Jesus o novo vencedor.

Começa aqui outra história
de outro amor
com Paulo a correr
por dentro e por fora
até morrer.

Fora de si,
dentro de si,
movimento transitivo
no mapa, nos mares, nas estradas, nas cidades,
movimento intransitivo,
ao jeito de Abraão,
rasgando avenidas no próprio coração.

Mas não quis mais correr sozinho.
 Para mim correr é Cristo,
 dizia,
 e corria agarrado à sua mão.
 Uma mão na mão de Cristo,
 a outra apertando a de um irmão e outro irmão e outro irmão,
 uma verdadeira multidão
 em comunhão.

É verdade,
 quando Jesus irrompe na vida de alguém,
 interrompe a normalidade de um percurso,
 e rompe essa vida em duas partes desiguais:
 uma que fica para trás,
 outra que se abre agora à nossa frente,
 recta como uma seta directa a uma meta,
 a um alvo, um objectivo intenso e claro,
 tão intenso e claro que na vida de cada um
 só pode haver um!

Este encontro decisivo de Jesus com Paulo marca a vida do «perseguidor» da Igreja de Deus (Gl 1,13), transformando-o em «perseguidor» – note-se o uso do mesmo verbo (*diôkô*)³⁵ – da perfeição e da ressurreição de Cristo (Fl 3,12)³⁶. Encontro fulminante que opera na vida de Paulo uma viragem de 180%, levando-o a esquecer o tesouro a que estava tão agarrado, e que agora não passa de esterco (*skýbalon*) (Fl 3,8)³⁷, e que deixa para trás, e o leva a atirar-se para o tesouro novo que tem agora à sua frente, e que é Cristo (Fl 3,13)³⁸.

Aquela acção de conquista de Jesus abre, de facto, uma meta clara na vida de Paulo e configura na sua vida a concentração gozosa «numa ÚNICA COISA (*hén*)» (Fl 3,13)³⁹, atitude nova e radical que evoca o sonho do Salmista e a advertência de Jesus no Evangelho (Sl 27,4; Mc 10,21; Lc 10,42):

«27,⁴UMA COISA (*'ahat* TM; *mia* LXX) pedi (*sha'al*) ao Senhor, / essa coisa eu procuro (*biqqesh*): / habitar (*yashab*) na Casa do Senhor / todos os dias da

³⁵ O verbo *diôkô* significa «correr», «perseguir», «lançar-se sobre», «correr a toda a pressa». B. MAGGIONI, *Il Dio di Paolo*, p. 241.

³⁶ L. DE LORENZI, *La vida spiritual de Pablo*, p. 98-99.

³⁷ O significado usual de *skýbalon* é «excremento». J. L. SUMNEY, *Philippians*, p. 78-79.

³⁸ L. DE LORENZI, *La vida spiritual de Pablo*, p. 93; B. MAGGIONI, *Il Dio di Paolo*, p. 35-36.

³⁹ J. L. SUMNEY, *Philippians*, p. 86.

minha vida,/ para contemplar (*hazah*) o encanto (*b^eno'am*)⁴⁰ do Senhor/ e admirar (*biqqr*) o seu Santuário (*b^ehêkal*)⁴¹» (Sl 27,4).

«10,²¹Então Jesus, olhando dentro dele (*emblépsas autô*), disse-lhe: “UMA COISA (*hén*) te falta: ‘Vai, quanto tens vende e dá aos pobres e terás um tesouro no céu e vem e segue-me’”» (Mc 10,21).

«10,⁴¹(...) Marta, Marta, andas preocupada e distraída à volta de muitas coisas,⁴²mas de UMA COISA (*henós*) há necessidade (*chreía*): Maria ESCOLHEU (*exeléxato*: aor. de *eklégomai*) a boa parte (*tên agathên merída*), que não lhe será tirada» (Lc 10,42).

Esta prova é a prova de uma vida e não uma prova entre outras, e leva Paulo a evocar a imagem do atleta empenhado numa corrida constante:

«9,²⁴Não sabeis que os que no estádio correm (*tréchontes*: part. prés. de *tréchô*) todos correm (*tréchousin*), mas é um que recebe o prémio? Assim correi (*tréchete*: imper. de *tréchô*), para que recebais. ²⁵Todo o lutador (*ho agônizómenos*: part. prés. de *agônízomai*), porém, em todas as coisas (*pánta*) se autocontrola (*egkrateúetai*: pres. de *egkrateúomai*): aqueles, para receberem uma coroa corruptível; vós, porém, uma incorruptível» (1 Cor 9,24-25).

O que está aqui em causa, na corrida como na luta, não é o exercício pelo exercício ou a renúncia pela renúncia seja ao que for (*pánta egkrateúetai*), mas a concentração e orientação completa da vida (1 Cor 9,24-25; Fl 3,13-14)⁴². A renúncia não significa, neste contexto, qualquer nota de desprezo, mas total concentração, sem distração. E a total concentração de Paulo na luta que empreende não é para sobressair, mas para amar, não para vencer sozinho, mas para conduzir o maior número à vitória⁴³, como se pode ver neste notável testemunho:

«9,¹⁹Fiz-me a mim mesmo servo (*emautôn edoúlôsa*: aor. de *doulôô*) de todos, para o maior número ganhar (*kerdêsô*: conj. aor. de *kerdaínô*). ²⁰E tornei-me

⁴⁰ De notar que *hazah* construído com *b^e* traduz a contemplação embevecida (cf. Ct 7,1). Ver L. ALONSO-SCHÖKEL, C. CARNITI, *Salmos. I. (Salmos 1-72). Traducción, introducciones y comentario*, Estella, Verbo Divino, 1994, p. 443.

⁴¹ Esta construção de *biqqr* com *be* constitui caso único no AT e evoca uma experiência espiritual da manifestação de Deus. Ver L. ALONSO-SCHÖKEL, C. CARNITI, *Salmos. I. (Salmos 1-72)*, p. 443; L. SABOURIN, *Le Livre des Psaumes Traduit et interprété*, Monte Real – Paris, Bellarmin – Cerf, 1988, p. 161.

⁴² A. C. THISELTON, *The First Epistle to the Corinthians*, p. 713.

⁴³ B. MAGGIONI, *Il Dio di Paolo*, p. 242-243.

(*egenómên*: aor² de *gínomai*) com os judeus como judeu, a fim de os judeus ganhar (*kerdêsô*: conj. aor. de *kerdaínô*); com os que estão sujeitos à lei, como sujeito à lei (...), a fim de os sujeitos à lei ganhar (*kerdêsô*); ²¹com os sem lei, como sem lei, para ganhar os sem lei; ²²tornei-me com os fracos, fraco, a fim de os fracos ganhar; com todos tornei-me (*gégona*: perf² de *gínomai*) tudo, para, por todos os meios, salvar alguns. ²³Todas as coisas faço por causa do Evangelho» (1 Cor 9,19-23).

E esta bela analepse, em que Paulo traduz e resume a sua vida inteira – notem-se os verbos no perfeito – nas metáforas do combate (*agôn*) e da corrida (*drómos*)⁴⁴:

«4,⁷O bom combate (*tòn kalòn agóna*) combati (*êgônismai*: perf. de *agônízomai*), / a corrida (*tòn drómon*) cumpri (*tetéleka*: perf. de *teléo*), / a fé (*tên pístin*) guardei (*tetêrêka*: perf. de *têréo*)» (2 Tm 4,7).

O «prémio da chamada de Deus» (*brabeîon tês klêseôs tou theou*) (Fl 3,14) configura ou um genitivo de fonte, em que o prémio brota da chamada de Deus, ou um genitivo epexegetico, em que o prémio consiste na chamada de Deus⁴⁵.

Estes textos aurorais desenharam aos nossos olhos este novo início paulino como uma epifania / cristofania, fruto da iniciativa gratuita de Deus que se manifesta a Paulo e a nós, de acordo com a confissão colocada na boca de Deus na Carta aos Romanos, e que Paulo foi buscar a Isaías 65,1: «Fui encontrado por aqueles que não me procuram; manifestei-me aos que não perguntam por mim» (Rm 10,20).

Neste sentido, acentua bem Gérard Claudel, que Paulo não apresenta a sua adesão ao Cristianismo como uma «conversão», mas como uma REVELAÇÃO. Salientando que a acção é toda de Jesus – é Ele que AGARRA Paulo com força, não o contrário –, Bruno Maggioni mostra bem que a mudança operada em Paulo não é de ordem moral, mas teológica: de uma concepção de salvação (de baixo para cima, justiça própria) para outra concepção de salvação (de cima para baixo, atitude permanente de Deus, a salvação é graça)⁴⁶. De resto, anota outra vez bem Gérard Claudel, que o motivo da «conversão» está quase ausente nos escritos de Paulo, comparecendo apenas em Rm 2,4; 2 Cor 7,9-10 e 12,21. Quem está completamente ausente é João Baptista, e percebe-se porquê⁴⁷.

⁴⁴J. D. QUINN, W. C. WACKER, *The First and Second Letters to Timothy. A New Translation with Notes and Commentary*, Grand Rapids / Cambridge, Eerdmans, 2000, p. 777 e 786-787.

⁴⁵Ver problemática em J. L. SUMNEY, *Philippians*, p. 87.

⁴⁶B. MAGGIONI, *Il Dio di Paolo*, p. 34.36.38.

⁴⁷Ch. PERROT, *Gesù e la storia*, Roma, Borla, 1981, p. 102; G. CLAUDEL, *L'héritage Chrétien de Paul*, in J. SCHLOSSER (ed.), *Paul de Tarse*, p. 263.

3.1. A graça e a paz e o amor

Não admira ainda, neste contexto, que a GRAÇA (*cháris*) seja o princípio arquitectónico que rege o inteiro edifício paulino⁴⁸, e que Paulo não se saiba dizer a si mesmo senão a partir da GRAÇA (*cháris*), sua nova identidade recebida desde fora⁴⁹. «GRAÇA é a natureza e a maneira de ser do próprio Deus»⁵⁰. Nenhuma outra palavra expressa tão claramente a sua teologia como a palavra GRAÇA (*cháris*), que Paulo usa por 100 vezes contra 55 vezes no resto do NT⁵¹. É pela GRAÇA que Paulo pode dizer a sua nova identidade recebida:

«15,¹⁰É pela GRAÇA de Deus que sou o que sou (*eimi hó eimi*)» (1 Cor 15,10)⁵².

O duplo *eimi* dá à afirmação um tom fortemente peremptório⁵³, e deixa ver bem que a teologia de Paulo não é um exercício meramente intelectual. É, antes, a sua própria experiência da GRAÇA (*cháris*) que lhe enche o coração e dele transborda (Rm 1,5; 3,24; 5,2.15.17.20-21; 1 Cor 3,10; 15,10; 2 Cor 4,15; Gl 1,15; 2,9.21)⁵⁴. «Transbordar» (*perisseúô*) é um dos verbos característicos da teologia da graça em Paulo (cf. Rm 5,15.17; 2 Cor 4,15; 1 Ts 3,12)⁵⁵, e faz passar a ideia de uma abundância que transborda sem diminuição e sem fim⁵⁶. Os outros verbos, igualmente significativos, são «abundar» (*pleonázô*) (Rm 6,1; 2 Cor 4,15), «superabundar» (*hyperpleonázô*) (1 Tm 1,14), «ultrapassar» (*hyperbállô*) (2 Cor 9,14; Ef 2,7), «supertransbordar» (*hyperperisseúô*) (Rm 5,20)⁵⁷. Esta graça (*cháris*) permanece de princípio a fim reservada a Deus, só ele a pode dar, sem contrapartida humana. Nenhum «favor» podemos fazer a Deus para «pagar» esta graça. A graça não se paga. Apenas nos é dado «agradecer», fazer retorno desta graça à sua fonte, a Deus [*cháris tô*

⁴⁸ B. MAGGIONI, *Il Paolo di Dio*, p. 39.

⁴⁹ A salvação provém sempre da iniciativa de Deus. J. D. G. DUNN, *The Theology of Paul the Apostle*, p. 319 e 322.

⁵⁰ M. BARTH, H. BLANKE, *The Letter to Philemon*, p. 266.

⁵¹ J. D. G. DUNN, *The Theology of Paul the Apostle*, p. 319-320, e nota 10; D. J. DOUGHTY, *The Priority of CHARIS*, in *New Testament Studies*, 19, 1972-1973), p. 163-180.

⁵² J. GNILKA, *Pablo de Tarso*, p. 181; J. D. G. DUNN, *The Theology of Paul the Apostle*, p. 29.

⁵³ A. C. THISELTON, *The First Epistle to the Corinthians*, p. 1211.

⁵⁴ J. D. G. DUNN, *The Theology of Paul the Apostle*, p. 179.

⁵⁵ Verbo especialmente paulino, aparece 26 vezes no *corpus paulinum* contra 13 no resto do NT. S. LÉGASSE, *L'épître de Paul aux Romains*, Paris, Cerf, 2002, p. 235, nota 169.

⁵⁶ M. J. HARRIS, *The Second Epistle to the Corinthians*, p. 357; Th. BRANDT, *Plenitud, sobreabundancia (perisseúô)*, in L. COENEN, E. BEYREUTHER, H. BIETENHARD (eds.), *Diccionario Teológico del Nuevo Testamento*, III, Salamanca, Sígueme, 1983, p. 367-370.

⁵⁷ J. D. G. DUNN, *The Theology of Paul the Apostle*, p. 323.

theô] (Rm 6,17; 7,25; 1 Cor 15,57; 2 Cor 2,14; 8,16; 9,15), estabelecendo entre Deus e nós um círculo de graça⁵⁸.

Note-se que o termo *cháris* traduz nos LXX quase sempre o hebraico *hen* [como *eleêd* traduz *hanan*, e *éleos* traduz *hesed*], que mostra o olhar de ternura completamente gratuito, inclinação benevolente, condescendente, do superior em relação ao inferior, da mãe em relação ao filho⁵⁹. Tão-pouco admira que Paulo inicie sempre (saudação inicial) as suas cartas, não com a usual saudação hebraica (*shalôm*, paz, felicidade) ou grega (*chaîre* ou *chaírein*⁶⁰, *salus* em latim, salve, saúde)⁶¹, mas com a GRAÇA e a PAZ [de Deus, nosso Pai, e do Senhor, Jesus Cristo] (Rm 1,7; 1 Cor 1,3; 2 Cor 1,2; Gl 1,3; Ef 1,2; Fl 1,2; Cl 1,2; 1 Ts 1,1; 2 Ts 1,2; 1 Tm 1,2; 2 Tm 1,2; Tt 1,4; Flm 3):

«1,⁷(...) GRAÇA a vós e PAZ (*cháris hymîn kai eirênê*) da parte de Deus, nosso pai, e do Senhor, Jesus Cristo» (Rm 1,7)

«1,³GRAÇA a vós e PAZ (*cháris hymîn kai eirênê*) da parte de Deus, nosso pai, e do Senhor, Jesus Cristo» (1 Cor 1,3).

«1,²GRAÇA a vós e PAZ (*cháris hymîn kai eirênê*) da parte de Deus, nosso pai, e do Senhor, Jesus Cristo» (2 Cor 1,2).

«1,³GRAÇA a vós e PAZ (*cháris hymîn kai eirênê*) da parte de Deus, nosso Pai, e do Senhor, Jesus Cristo» (Gl 1,3).

«1,²GRAÇA a vós e PAZ (*cháris hymîn kai eirênê*) da parte de Deus, nosso Pai, e do Senhor, Jesus Cristo» (Ef 1,2).

«1,²GRAÇA a vós e PAZ (*cháris hymîn kai eirênê*) da parte de Deus, nosso Pai, e do Senhor, Jesus Cristo» (Fl 1,2).

«1,²(...) GRAÇA a vós e PAZ (*cháris hymîn kai eirênê*) da parte de Deus, nosso Pai» (Cl 1,2).

⁵⁸ J. D. G. DUNN, *The Theology of Paul the Apostle*, p. 323, e nota 32; J. A. FITZMYER, *Lettera ai Romani. Commentario critico-teologico*, Casale Monferrato, Piemme, 1999, p. 534.

⁵⁹ *Cháris* traduz quase sempre o nome *hen*; de forma diferente, o verbo *hanan* é traduzido o mais das vezes por *eleêd*. H. J. STOEBE, *hnn*, *Ser compasivo*, in E. JENNI, CL. WESTERMANN (eds.), *Diccionario Teológico manual del Antiguo Testamento*, I, Madrid, Cristiandad, 1978, cols. 815-829. Por sua vez, *éleos* é o termo mais usual para traduzir *hesed*. J. D. G. DUNN, *The Theology of Paul the Apostle*, p. 321; S. LÉGASSE, *L'épître de Paul aux Romains*, p. 74, nota 107. Ver também U. TERRINONI, «Buono è il Signore» (Sl 103,8). *Il messaggio biblico della misericordia*, Bolonha, EDB, 2008, p. 23-24.124; H.-H. ESSER, *éleos* (*Misericordia*), in L. COENEN, E. BEYREUTHER, H. BIETENHARD (eds.), *Diccionario Teologico del Nuevo Testamento*, III, 99.

⁶⁰ *Chaírein* (saúde!) é um infinito com significado imperativo (cf. Act 23,26), e é a fórmula mais usada nas saudações em mundo grego; por vezes, o imperativo (*chaîre*) substitui o uso mais corrente do infinito (*chaírein*). Ver M. J. HARRIS, *The Second Epistle to the Corinthians*, p. 127, e nota 1, e p. 135.

⁶¹ B. MAGGIONI, *Il Dio di Paolo*, p. 111; S. LÉGASSE, *Les Épitres de Paul aux Thessaloniciens*, p. 67-68; S. LÉGASSE, *L'Épître de Paul aux Romains*, p. 63; J. A. FITZMYER, *Lettera ai Romani*, p. 271-272.

- «1,¹(...) GRAÇA a vós e PAZ (*cháris hymîn kai eirênê*)» (1 Ts 1,1).
 «1,³GRAÇA a vós e PAZ (*cháris hymîn kai eirênê*) da parte de Deus, nosso Pai, e do Senhor, Jesus Cristo» (2 Ts 1,2).
 «1,²GRAÇA, amor de fidelidade, PAZ (*cháris éleos eirênê*) da parte de Deus Pai e de Cristo Jesus, o Senhor nosso» (1 Tm 1,2).
 «1,²GRAÇA, amor de fidelidade, PAZ (*cháris éleos eirênê*) da parte de Deus Pai e de Cristo Jesus, o Senhor nosso» (2 Tm 1,2).
 «1,⁴GRAÇA e PAZ (*cháris kai eirênê*) da parte de Deus Pai, e Cristo Jesus, o Salvador nosso» (Tt 1,4).
 «³GRAÇA a vós e PAZ (*cháris hymîn kai eirênê*) da parte de Deus, nosso Pai, e do Senhor, Jesus Cristo» (Flm 3).

Note-se bem a precedência da GRAÇA (*cháris*). É o termo-chave da teologia paulina. Não significa, de per si, salvação, ou outro qualquer dos bens messiânicos. Mas constitui a sua fonte e a sua raiz. GRAÇA e PAZ (*cháris kai eirênê*): a graça precede a paz, porque é a nascente da paz⁶², tal como na hendíade GRAÇA e APOSTOLADO (*cháris kai apostolê*) (Rm 1,5), o apostolado decorre da graça, que é a verdadeira nascente da vida quotidiana do apóstolo (adinte, ponto 7.).

Neste sentido, também não admira que Paulo termine sempre as suas Cartas (saudação final) com a GRAÇA [do Senhor nosso, Jesus Cristo] (Rm 16,20; 1 Cor 16,23; 2 Cor 13,13; Gl 6,18; Ef 6,24; Fl 4,23; Cl 4,18; 1 Ts 5,28; 2 Ts 3,18; 1 Tm 6,21; 2 Tm 4,22; Tt 3,15; Flm 25):

- «16,²⁰(...) A GRAÇA do Senhor nosso (*hê cháris tou kyriou hêmôn*), Jesus, convosco (*meth' hymôn*)» (Rm 16,20).
 «16,²³A GRAÇA do Senhor Jesus convosco (*hê cháris tou kyriou Iêsoû meth' hymôn*)» (1 Cor 16,23).
 «13,¹³A GRAÇA do Senhor Jesus Cristo (*hê cháris tou kyriou Iêsoû Christou*) e o AMOR de Deus (*hê agápê tou theou*) e a COMUNHÃO do Espírito Santo (*hê koinônia tou hagíou pneúmatos*) com todos vós (*metà pántôn hymôn*)» (2 Cor 13,13).
 «6,¹⁸A GRAÇA do Senhor nosso, Jesus Cristo (*hê cháris tou kyriou hêmôn Iêsoû Christou*) com o vosso espírito, irmãos (*metà tou pneúmatos hymôn*)» (Gl 6,18).
 «6,²⁴A GRAÇA com todos os que amam o Senhor nosso, Jesus Cristo (*hê cháris metà pántôn tôn agapôntôn tôn kýrion hêmôn Iêsoûn Christón*)» (Ef 6,24).
 «4,²³A GRAÇA do Senhor Jesus Cristo (*hê cháris tou kyriou Iêsoû Christou*) com o vosso espírito (*metà tou pneúmatos hymôn*)» (Fl 4,23).

⁶² B. MAGGIONI, *Il Dio di Paolo*, p. 111.

«4,¹⁸ A GRAÇA convosco (*hê cháris meth' hymôn*)» (Cl 4,18).

«5,²⁸ A GRAÇA do Senhor nosso, Jesus Cristo, convosco (*hê cháris toû kyriôu hêmôn Iêsoû Christou meth' hymôn*)» (1 Ts 5,28).

«3,¹⁸ A GRAÇA do Senhor nosso, Jesus Cristo, com todos vós (*hê cháris toû kyriôu hêmôn Iêsoû Christou metà pántôn hymôn*)» (2 Ts 3,18).

«6,²¹ A GRAÇA convosco (*hê cháris meth' hymôn*)» (1 Tm 6,21).

«4,²² A GRAÇA convosco (*hê cháris meth' hymôn*)» (2 Tm 4,22).

«3,¹⁵ A GRAÇA com todos vós (*hê cháris metà pántôn hymôn*)» (Tt 3,15).

«25 A GRAÇA do Senhor Jesus Cristo (*hê cháris toû kyriôu Iêsoû Christou*) com o vosso espírito (*metà toû pneûmatos hymôn*)» (Flm 25).

A GRAÇA abre e fecha – inclusão literária –, enche, as Cartas de Paulo. Também não admira, portanto, que, tomado pela GRAÇA (*cháris*) e pelo COM-PRAZIMENTO (*eudokía* de Deus [Gl 1,15]⁶³ ou *syneudokía* do Pai e do Filho e do Espírito Santo) e pelo AMOR (*agápê*)⁶⁴, Paulo nunca manifeste rancor ou amargura estéreis – ainda que, por vezes, tenha de expressar sentimentos de reprovação –, mas que saiba ver sempre, em primeiro lugar, o bem e o belo⁶⁵.

Neste sentido, deixamos aqui registrado, pela sua importância programática, o primeiro dizer do inteiro Novo Testamento, a saudação (*salutatio*) com que Paulo abre a Primeira Carta aos Tessalonicenses, depois da apresentação (*titulatio*) e do endereço (explicitação do destinatário) (*adscriptio*)⁶⁶:

«1,¹ GRAÇA a vós e PAZ (*cháris hymîn kai eirênê*). 2DAMOS GRAÇAS (*eucharistoûmen*: pres. de *eucharistéô*) a Deus sempre por todos vós» (1 Ts 1,1-2).

Saudação aos Tessalonicenses, e acção de graças dirigida a Deus, mas sempre com os cristãos de Tessalónica no horizonte, debaixo dos olhos. Este olhar de bondade e de beleza em todas as direcções, dá o tom ao inteiro Novo Testamento⁶⁷. É sintomático que, depois da apresentação, de um intenso parêntesis cristológico e da saudação (Rm 1,1-7), a Carta aos Romanos prossiga assim:

⁶³ O verbo *eudokéō* traduz, nos LXX, nove verbos hebraicos diferentes; o mais das vezes traduz *ratsah* [= aprazer]. O nome *eudokía* não se encontra nos LXX. Tendo Deus por sujeito, como sucede em Is 42,1 (Servo) ou nas Cartas de Paulo, carrega sempre a iniciativa soberana e gratuita da vontade de Deus, benfazeja e eficaz. S. LÉGASSE, *L'Épître de Paul aux Galates*, p. 91-92.

⁶⁴ Só excepcionalmente encontramos o termo *agápê* no grego extra-bíblico antes dos séculos II-III. Encontra-se nos LXX por umas 20 vezes. A estatística sobe no NT, onde *agápê* se encontra por 116 vezes, das quais 75 vezes no *corpus paulinum*. J. D. G. DUNN, *The Theology of Paul the Apostle*, p. 320, e nota 15.

⁶⁵ C. M. MARTINI, *Il Vangelo di Paolo*, p. 38-39.

⁶⁶ C. M. MARTINI, *Il Vangelo di Paolo*, p. 38.

⁶⁷ S. LÉGASSE, *Les Épîtres de Paul aux Thessaloniens*, 73.

«1,⁸PRIMEIRO (*prôton*), DOU GRAÇAS (*eucharistô*: pres. de *eucharistéô*) ao meu Deus, por intermédio de Jesus Cristo, por todos vós...» (Rm 1,8).

Aqui está o mesmo olhar de bondade e de beleza, ícone de Paulo em oração. Sem fim. Na verdade, depois daquele «primeiro», ficamos à espera de encontrar um «segundo» ou um «depois», que, todavia, nunca mais aparecerá. A GRAÇA e a ACÇÃO DA GRAÇA estão antes de tudo e preenchem tudo⁶⁸. Nes sentido, é bom e justo que tomemos consciência de que não é mais suficiente um cristianismo convencional, marcado pela acção social. É hoje igualmente insuficiente a espiritualidade da militância, que persegue a causa nobre de uma Igreja viva e participada e da construção de um mundo melhor. Um serviço pastoral que se reduza a «coisas que fazer» está gasto. Passou o tempo dos cristãos «praticantes». Hoje são necessários cristãos enamorados⁶⁹.

Mas resulta ainda muito saboroso verificar que o destinatário das Cartas e, portanto, das saudações de Paulo, é muitas vezes a Igreja de Deus ou as Igrejas de Deus que estão no meio das cidades e das casas dos homens⁷⁰. Atente-se na listagem que segue:

«1,¹Paulo, servo de Cristo Jesus, CHAMADO (*klêtós*) apóstolo ... ⁷a todos os que estão em ROMA, amados (*agapêtoi*) de Deus, aos CHAMADOS (*klêtois*) SANTOS (*hagíois*)...» (Rm 1,1-7).

«1,¹Paulo... ²à IGREJA de Deus (*ekklêsía tou theou*) que está em CORINTO, aos SANTIFICADOS (*hêgiasménos*: part. perf. pass. de *hagiázô*) em Cristo Jesus, aos CHAMADOS (*klêtois*) SANTOS (*hagíois*)...» (1 Cor 1,1-2).

«1,¹Paulo... à IGREJA de Deus (*ekklêsía tou theou*) que está em Corinto, com todos os SANTOS (*hagíois*)...» (2 Cor 1,1).

«1,¹Paulo... às IGREJAS (*ekklêsíais*) da GALÁCIA...» (Gl 1,1-2).

«1,¹Paulo... aos SANTOS (*hagíois*), que estão em ÉFESO...» (Ef 1,1).

«1,¹Paulo... a todos os SANTOS (*hagíois*) em Cristo Jesus que estão em FILIPOS...» (Fl 1,1).

⁶⁸ Sucessivos comentadores têm salientado bem este assunto. Ver J. A. FITZMYER, *Lettera ai Romani*, p. 291; D. J. MOO, *The Epistle to the Romans*, p. 57; S. LÉGASSE, *L'Épître de Paul aux Romains*, p. 76; B. MAGGIONI, *Il Dio di Paolo*, p. 272.

⁶⁹ F. LAMBIASI, *Lettera di un vescovo a un laico*, in L. ALICI, F. LAMBIASI, *Ho qualcosa da dirti. Due lettere a un prete e a un laico*, Roma, AVE, 2007, p. 44-45; F. LAMBIASI, *La partecipazione dei laici alla vita e alla missione della Chiesa*, in CONGREGAZIONE PER I VESCOVI, *Duc in Altum. Pellegrinaggio alla Tomba di San Pietro. Incontro di Riflessione* (Roma 15-23 settembre 2008), Città del Vaticano, Libreria Editrice Vaticana, 2008, p. 275.

⁷⁰ Ver, neste sentido, a interessante Nota Pastoral da CONFERÊNCIA EPISCOPAL ITALIANA, intitulada *Il volto missionario delle parrocchie in un mondo che cambia*, de 30 de Maio de 2004, na Introdução e nos n.º 4 e 13.

«1,¹Paulo... ²aos SANTOS (*hagíois*) e fiéis que estão em COLOSSOS...» (Cl 1,1).

«1,¹Paulo e Silvano e Timóteo, à IGREJA (*ekklêsía*) dos TESSALONICEN-SES...» (1 Ts 1,1).

«1,¹Paulo e Silvano e Timóteo, à IGREJA (*ekklêsía*) dos TESSALONICEN-SES...» (2 Ts 1,1).

«1,¹Paulo... ²a TIMÓTEO...» (1 Tm 1,1-2).

«1,¹Paulo... ²a TIMÓTEO...» (2 Tm 1,1-2).

«1,¹Paulo... ⁴a TITO...» (Tt 1,1-4).

«1¹Paulo... a FILÉMON...» (Flm 1).

Vê-se, pela listagem apresentada, que Paulo endereça cinco Cartas explicitamente à Igreja ou às Igrejas: 1 Coríntios, 2 Coríntios, Gálatas, 1 Tessalonicenses, 2 Tessalonicenses. O termo grego para dizer «Igreja» é *ekklêsía*, de *ekkaléô*, *ekkaléô* [= fora de + chamar, chamar para fora e desde fora], o que faz da Igreja a comunidade dos «chamados» ou «convocados» por Deus a saírem de si⁷¹, para formarem um povo novo, pertença de Deus. Este sentido de pertença exclusiva a Deus está bem patente no «genitivo de posse» (*ekklêsía tou theou*, «Igreja de Deus») (1 Cor 1,2; 2 Cor 1,1)⁷², que as duas Cartas aos Coríntios exibem, e que representa como que um agrafo que une a Igreja a Deus. A Igreja é de Deus. Por isso, a Carta aos Romanos registra o belo nome de «chamados» (*klêtoi*) dado aos cristãos de Roma (Rm 1,7), no seguimento de Paulo, que se assume como «chamado» (*klêtos*) (Rm 1,1), título grande que reaparece na Primeira Carta aos Coríntios (1 Cor 1,2). Esta maneira de ver e de dizer responde ao chamamento ou à chamada (*klêsis*) e evoca a eleição (*eklogê*) de Deus (1 Ts 1,4) e os eleitos (*eklektói*) de Deus (Rm 8,33), e é um eco do hebraico *qahal*, assembleia do povo convocado por Deus à volta do seu amor e da sua palavra⁷³. Claramente: não se trata de um grupo que as pessoas tenham escolhido, mas do grupo dos escolhidos por Deus, e que responderam ao seu chamamento.

O termo «Igreja» (*ekklêsía*) encontra-se no NT por 114 vezes. Encontra-se em claro destaque no *Corpus Paulinum*, onde se faz ouvir por 62 vezes, e é o termo a que S. Paulo recorre mais vezes para se referir às comunidades que Cristo colocou no seu caminho. Depois de Paulo, o termo *ekklêsía* conta 23 ocorrências no

⁷¹J. GNILKA, *Pablo de Tarso*, p. 258-260; J. D. G. DUNN, *The Theology of Paul the Apostle*, p. 537; A. C. THISELTON, *The First Epistle to the Corinthians*, p. 75.

⁷²Ver, por exemplo, A. C. THISELTON, *The First Epistle to the Corinthians*, p. 73-74; M. J. HARRIS, *The Second Epistle to the Corinthians*, p. 132.

⁷³J. D. G. DUNN, *The Theology of Paul the Apostle*, p. 537; S. LÉGASSE, *Les Épîtres de Paul aux Thessaloniens*, p. 62-63 e 84-85; S. LÉGASSE, *L'Épître de Paul aux Romains*, p. 939; B. MAGGIONI, *Il Dio di Paolo*, p. 110-111.

Livro dos Actos dos Apóstolos e 20 no Apocalipse. Apenas por 2 vezes aparece nos Evangelhos (Mt 16,18; 18,17)⁷⁴.

Esta maneira de agraphar a Igreja a Deus, Igreja de Deus, em que cada um é chamado para fora de si por Deus e para Deus expressa-se ainda no título de «santos» (*hágioi*), que se ouve por seis vezes no endereço das Cartas (Rm 1,7; 1 Cor 1,2; 2 Cor 1,1; Ef 1,1; Fl 1,1; Cl 1,1), e que Paulo usa por 39 vezes⁷⁵. *Hágios* remete para o hebraico *qadôsh*⁷⁶, grande título de Deus. Um Deus Santo (*qadôsh*) é, de acordo com a mais aceite etimologia de *qadôsh*, um Deus «separado»⁷⁷: não «separado» do mundo por amor criado, nem do ser humano, pois sobre ele se debruça com premura; mas «separado» sobretudo de si mesmo, saindo de si mesmo, para vir ao nosso encontro, tanto se interessa por nós⁷⁸. Nestes dois sentidos, o Deus Santo nada tem a ver com o conceito de divindade do mundo grego e de outros mundos, que divinizam a inteira natureza e encerram a divindade ciosamente nas paredes douradas da sua divindade. Um Deus Santo que santifica (1 Cor 1,2), isto é, que nos chama a sair de nós para irmos ao encontro dos outros, por amor. Um Deus que sai de si (!), e que nos santifica, chamando-nos a sair de nós. Outra vez o belo tema muito Paulino da imitação: «Sede santos porque Eu sou Santo» (Lv 11,44-45; 19,2; 20,7.26; 21,8; 22,32...).

Esta maneira de ver a Igreja, trazendo para a cena o rico vocabulário da «assembleia convocada por Deus», do «chamamento», da «eleição», da «santidade» apresenta-se bela e fecunda sobretudo em três aspectos: primeiro, porque salienta a intervenção electiva, portanto, soberana e livre de Deus; segundo, porque não insiste em demasia na organização interna; terceiro, porque deixa ver a ideia muito bíblica de um caminho, que é a história da salvação⁷⁹.

4. Movido pela esperança

Tensão nova. Paulo diz aos cristãos de Éfeso que, antes de terem sido encontrados por Cristo, viviam «sem esperança e sem Deus no mundo (*elpída mē échontes kai átheoi en tô kósmō*)» (Ef 2,12). Este marcador Paulino atravessa a

⁷⁴ J. D. G. DUNN, *The Theology of Paul the Apostle*, p. 537.

⁷⁵ J. D. G. DUNN, *The Theology of Paul the Apostle*, p. 330, nota 74.

⁷⁶ A. C. THISELTON, *The First Epistle to the Corinthians*, p. 76.

⁷⁷ W. KORNFELD, *qadôsh*, in G. J. BOTTERWECK, H. RINGGREN, H.-J. FABRY (eds.), *Theological Dictionary of the Old Testament*, Vol. XII, Grand Rapids, Eerdmans, 2003, p. 523.

⁷⁸ C. DI SANTE, *La rinascita dell'utopia*, Roma, Lavoro, 2000, p. 82.

⁷⁹ R. PENNA, *Puntos clave en la teología de Pablo*, in R. FABRIS (ed.), *Problemas y perspectivas de las ciencias bíblicas*, Salamanca, Sígueme, 1983, p. 354-355.

Carta Encíclica *Spe salvi*, de Bento XVI, de 30 de Novembro de 2007⁸⁰. Vejam-se os números 2, 3, 23, 27 e 44. Sem Deus no mundo, habitação desabitada, não há esperança. Pode haver apenas pequenas deduções, como quem deduz o céu da terra ou o Último do penúltimo.

No mundo grego, esperança é *elpís*, e tem o significado de «previsão», «lícita expectativa», sempre assente nos nossos calculismos e exercícios racionais, pequenas deduções⁸¹. Ao contrário, a esperança bíblica e cristã, de que fala Paulo (e Bento XVI), é sem medida, tem a ver com o nunca antes visto, aponta para além das leis da natureza, está em luta aberta contra as evidências. Trata-se de «esperar contra a esperança» (*par' elpída ep' elpídi* = contra a esperança na esperança) (Rm 4,18)⁸². É assim que Paulo define a atitude de Abraão. No mundo hebraico, esperança é *tiqwalh*⁸³, e deriva de *qaw*, que pode significar «fio», «fita métrica», «cordel para medir». Percebe-se que tem a ver com o «fio» que se estica para medir, até chegar à medida ainda sem medida e sem solução à vista – «esperança vista não é esperança» (Rm 8,24) –, mas que tem solução recebida de Deus. É como o «fio», a «corda», o «arame» estendido entre a dor e a consolação esperada, entre a humanidade e Deus, fio tenso, não abaulado – veja-se Jb 7,6 («Os meus dias correm mais depressa do que a lançadeira, / e consomem-se sem esperança») e Rm 4,20 («Ele [Abraão] não ficou abaulado na incredulidade / desconfiança (*apistía*»)) –, e seguro entre duas mãos, a de Deus (sobretudo) e a nossa. Única maneira de se poder atravessar, com segurança e confiança, o vau da morte.

Paulo transfere esta imagem do «fio» ou da «corda» para o mundo e para o homem, e coloca-os nesta tensão esperante, através do recurso ao termo *apokaradokía*, que ele usa em Rm 8,19 e Fl 1,20, como podemos ver:

«8,¹⁸Penso, de facto, que os sofrimentos do tempo presente não têm medida de comparação com a glória que está para ser revelada (*apokalypthênai*) em nós. ¹⁹Com efeito, O ROSTO TENSO (*apo-kara-dokía*) da criação (*tês ktíseos*) que a revelação (*apokálypsis*) dos filhos de Deus ESPERA em tensão RECEBER (*apekdéchetai*: *apò* + *ek* + *déchomai*)» (Rm 8,18-19).

«1,¹⁸(...)Cristo é Evangelizado, e nisto me alegro. Mas também me alegrarei, ¹⁹pois sei, de facto, que isto resultará para a salvação, por meio das vossas

⁸⁰ R. FABRIS, «Abbiamo posto la nostra speranza nel Dio vivente». La «speranza» nella Bibbia, in R. FABRIS, D. GAROTA, M. GUZZI, C. MILITELLO, M. TENACE, *Salvati nella Speranza. Commento e guida alla lettura dell'Enciclica Spe Salvi di Benedetto XVI*, Milão, Paoline, 2008, p. 12.

⁸¹ D. GAROTA, *Tra caparra e compimento*, in R. FABRIS, D. GAROTA, M. GUZZI, C. MILITELLO, M. TENACE, *Salvati nella Speranza*, p. 142.

⁸² D. GAROTA, *Tra caparra e compimento*, p. 142.

⁸³ D. GAROTA, *Tra caparra e compimento*, p. 142.

orações e o socorro do Espírito de Jesus Cristo, 20conforme o ROSTO TEN-SO (*apo-kara-dokía*) e a ESPERANÇA (*elpís*) de que não serei confundido» (Fl 1,18-20).

O termo *apokaradokía*, de *apò* + *kara* + *dokéō* [= fora de + cara (rosto) + esperar/olhar atentamente], que só Paulo usa no NT nas duas passagens referidas, e que é desconhecido no grego antes do Cristianismo, traduz a atitude de quem alonga o pescoço o mais que pode para tentar ver o que ainda não se vê⁸⁴. Fica aqui bem retratada a atitude assumida por Paulo depois de ter sido AGARRADO por Jesus Cristo: «para as coisas à frente me atirando» (Fl 3,13).

Esta atitude está muito próxima da traduzida por *apekdéchomai*, que ele usa em sobregarga em Rm 8,19, como já vimos, e também em Rm 8,25:

«8,²⁴Na verdade, na ESPERANÇA (*té gâr elpídi*) fomos salvos (*esôthêmen*: aor. pass. de *sôzô*); ora, ESPERANÇA vista (*elpis dè blepoménê*: part. pass. de *blépô*), não é ESPERANÇA (*ouk éstin elpís*): na verdade, o que se vê (*ho gâr blépei*), quem o ESPERA (*tís elpízei*)? ²⁵Pelo contrário, o que não vemos, ESPERAMOS (*elpízomen*), por meio da PACIÊNCIA (*di' hypomonês*), em tensão RECEBER (*apekdechómetha*: *apò* + *ek* + *déchomai*)» (Rm 8,24-25).

O verbo *apekdéchomai*, de *apò-ek-déchomai* [= fora de + desde + receber], usado 8 vezes no NT, 6 das quais em Paulo (Rm 8,19.23.25; 1 Cor 1,7; Gl 5,5; Fl 3,20; ver também Act 9,28; 1 Pe 3,30), e desconhecido nos LXX⁸⁵, implica uma forte conotação de recepção, tensão para receber a salvação de Deus – viver de (*ek*) receber e de se receber (*déchomai*) de Deus (1 Cor 1,7)⁸⁶, saindo de si (*apò*) para se orientar completamente para Deus, tensão para o dom, pois um dom, não o podemos produzir com as nossas mãos; só o podemos receber de outras mãos⁸⁷. A esperança bíblica e cristã consiste na dupla atitude amante de estarmos sempre à espera de Alguém, e de sabermos bem que Alguém espera por nós.

É desta maneira que a atitude da esperança invade o quotidiano e tempera a inteira vida cristã, desinstalando velhas maneiras de viver e instalando novos comportamentos. Vai nascendo assim uma nova maneira de ver e de viver o matrimónio e a vida no lar, a virgindade e o celibato, a escravatura, o tempo

⁸⁴ S. LÉGASSE, *L'épître de Paul aux Romains*, p. 538, nota 24; D. J. MOO, *The Epistle to the Romans*, p. 513; J. A. FITZMYER, *Lettera ai Romani*, p. 603-604; E. OFFMANN, *Esperanza (apokaradokía)*, in L. COENEN, E. BEYREUTHER, H. BIETENHARD (eds.), *Diccionario teológico del Nuevo Testamento*, II, Salamanca, Sígueme, 1980, p. 134.

⁸⁵ E. OFFMANN, *Esperanza (apokaradokía)*, p. 135.

⁸⁶ S. LÉGASSE, *L'épître de Paul aux Galates*, p. 381; B. MAGGIONI, *Il Dio di Paolo*, p. 113.

⁸⁷ A. CHIERGATTI, *Dono e perdono nell'esperienza biblica*, in G. GASPARINI (ed.), *Il dono. Tra etica e scienze sociali*, Roma – Fossano, Lavoro – Esperienze, 1999, p. 164.

passageiro que nos é dado viver. Façamos uma viagem rápida por 1 Cor 7, e reparemos nos dez enunciados seguintes:

- I. «Cada um (*hékastos*) a sua mulher tenha» // «Cada uma (*hekástê*) o seu próprio marido tenha» (1 Cor 7,2).
- II. «Para com a mulher, o marido a dívida conjugal (*opheilê*) cumpra» // «Da mesma forma (*homoiôs*), a mulher para com o marido» (1 Cor 7,3).
- III. «A mulher sobre o seu próprio corpo não tem poder (*ouk exousiázô*), mas sim o marido» // «Da mesma forma (*homoiôs*), o homem sobre o seu próprio corpo não tem poder, mas sim a mulher» (1 Cor 7,4).
- IV. «Não vos recuseis um ao outro (*allêlous*), a não ser de comum acordo (*súmphonos*), por tempo limitado, para vos entregardes à oração, e de novo juntai-vos...» (1 Cor 7,5).
- V. «A mulher do marido não se separe (*chôrizô*); se, porém, se vier a separar, não se volte a casar ou com o marido se reconcilie» // «e o homem a mulher não repudie (*aphiêmi*)» (1 Cor 7,10-11).
- VI. «Se um irmão (*adelphós*) uma mulher tem não-cristã (*ápiston* = sem fé), e esta consente em habitar com ele, não a repudie» // «e se uma mulher tem um marido não-cristão (*ápiston* = sem fé), e este consente em habitar com ela, não repudie o marido» (1 Cor 7,12b-13).
- VII. «Na verdade, é santificado o marido não-cristão pela mulher» // «e é santificada a mulher não-cristã pelo irmão (*adelphós*)» (1 Cor 7,14a)⁸⁸.
- VIII. «Se o não-cristão (*ho ápistos*) – ele ou ela – quer separar-se, que se separe; não estão obrigados, o irmão ou a irmã, em tais casos» (1 Cor 7,15)⁸⁹.
- IX. «Que sabes tu, mulher, se salvarás o teu marido?» // «E que sabes tu, marido, se salvarás a tua mulher?» (1 Cor 7,16).
- X. «O que não é casado (*ho ágamos*), cuida das coisas do Senhor, de como agradar ao Senhor; mas o que se casou (*ho dè gamêsas*), cuida das coisas do mundo, de como agradar à mulher». // «E a mulher não-casada (*hê gynê hê ágamos*) e a virgem cuida das coisas do Senhor; (...) mas a que se casou (*hê dè gamêsasa*) cuida das coisas do mundo, de como agradar ao marido» (1 Cor 7,32b-34).

Os dez enunciados que acabámos de enumerar são absolutamente novos para a época, quer em mundo grego quer em mundo judaico, pois conferem ao homem e à mulher, à esposa e ao marido as mesmas possibilidades e oportunidades nos diversos domínios referidos: a) o acordo comum e deliberado

⁸⁸ Note-se a inclusão operada entre 7,12b-14a mediante a repetição do termo «irmão». A passagem apresenta estrutura quiástica com a forma ABB'A'.

⁸⁹ Decorre daqui o famoso «privilégio Paulino».

na vida conjugal, nomeadamente no que concerne ao exercício da união sexual e da continência (enunciados I-IV); b) a mesma situação e igual dignidade no domínio religioso (enunciados IV.VII.IX); c) os mesmos direitos perante o divórcio (enunciado V); d) igual tratamento na questão dos matrimónios mistos e do chamado «privilegio paulino» (enunciados VI-VIII).

É ainda grandemente significativo para o contexto sócio-cultural da época que, para além da paridade referida dentro da instituição matrimonial, S. Paulo reconheça ainda à mulher em qualquer outro estado – virgem (1 Cor 7,28), viúva (1 Cor 7,39), pagã cujo marido se tornou cristão (1 Cor 7,12.15) – o pleno direito de dispor da sua vida, uma vez mais em plena paridade com a parte masculina.

E no tocante à maneira como Paulo vê a vida matrimonial em relação com a vida celibatária, nota-se que Paulo favorece a vida celibatária, sem, no entanto, desprezar a vida matrimonial, que apresenta também como um dom de Deus (1 Cor 7,7)⁹⁰. Paulo não deprecia o corpo, pois vai até ao ponto de afirmar que «o corpo (...) é para o Senhor, e o Senhor para o corpo» (1 Cor 6,13), e «o vosso corpo é templo do Espírito Santo» (1 Cor 6,19). Neste ponto preciso, Paulo rejeita as insinuações dos grupos ascético-iluministas que pululavam na cidade de Corinto, e que pretendiam impedir os jovens de se casarem e os casados de terem relações sexuais. Paulo não se move no âmbito do dualismo ascético ou litúrgico-sacral⁹¹, mas no âmbito da total «devotação (*eupáredron*)⁹² ao Senhor (*tô kyríô*) sem distracção (*aperispástôs*)»⁹³ (1 Cor 7,35b)⁹⁴. Paulo também não opõe, ao contrário do que se possa pensar, uma vida tranquila (a vida celibatária) a uma vida cheia de preocupações (a vida matrimonial). De facto, falando da sua vida de Apóstolo sem família, Paulo passa em revista as inúmeras fadigas, tribulações de toda a espécie e a sua preocupação por todas as Igrejas (2 Cor 11,23-28)⁹⁵.

No Capítulo 7 da Primeira Carta aos Coríntios, nas respostas que dá às questões que lhe são formuladas acerca do matrimónio e do celibato, Paulo não se entretém com posições menores, mas mostra o modo novo de encarar o tempo limitado da nossa vida histórica no quadro mais amplo da nossa vida «em Cristo». Assim correctamente situados, compreenderemos, com Paulo, que «o tempo (*ho kairós*) começou já a recolher as velas (*synestalménos*)»⁹⁶ (1 Cor

⁹⁰ B. MAGGIONI, *Il Dio di Paolo*, p. 145.

⁹¹ B. MAGGIONI, *Il Dio di Paolo*, p. 147-148.

⁹² *Hápax legómenon*. Sugere a ideia de uma presença contínua junto de um objecto ou pessoa venerável (cf. 1 Cor 9,13: «devotado» (*paredreíúô*) unicamente ao serviço do altar).

⁹³ Outro *hápax*. Contrapõe-se ao retrato de Marta, «distráida» (*perispáomai*) pelo muito serviço (Lc 10,40).

⁹⁴ B. MAGGIONI, *Il Dio di Paolo*, p. 149.

⁹⁵ B. MAGGIONI, *Il Dio di Paolo*, p. 148.

⁹⁶ Verbo *systéllô*. Está subjacente a imagem do marinheiro, que estando a chegar ao fim da viagem, começa a recolher as velas da embarcação.

7,29), e que «passa (*parágei*)⁹⁷, na verdade, a figura (*tò schêma*) deste mundo (*toû kósmou toútou*)»⁹⁸ (1 Cor 7,31b), isto é, tendo em conta a força das palavras e a expressão gramatical, «a figura que passa (na tela) é este mundo». Se assim é, devemos saber relativizar todos os nossos «esquemas» neste mundo. E o matrimónio, que pertence à figura deste mundo, dado que, «na ressurreição, nem eles se casam nem elas se dão em casamento» (Mt 22,30; Mc 12,25; cf. Lc 20,35), não pode tornar-se a meta última⁹⁹. Chega a ser de uma comicidade extrema a seriedade com que nos agarramos às coisas terrenas¹⁰⁰. Mas nada de simplismos. A alternativa não é entre opção pelo mundo e renúncia ao mundo¹⁰¹. O acento tem de pôr-se na dedicação pessoal ao Senhor sem distração. Portanto, no amor. A renúncia à bondade do mundo faz-se, biblicamente, só por amor, por mais amor¹⁰². Da lição dos chamados «Códigos familiares» (*Haustafeln*) presentes em Ef 5,21-6,9 e Cl 3,18-4,1 resulta que as comunidades cristãs aí documentadas não tinham como primeira preocupação subverter os quadros jurídicos e sociais que regulavam as relações entre marido, esposa, filhos, senhores e servos. Vê-se que aceitavam as normas vigentes. A sua preocupação ia sobretudo no sentido de encontrar uma maneira nova de viver dentro dos quadros vigentes¹⁰³. É nesse sentido que Paulo transforma o binómio corrente «dominar (*kratêô*) – submeter (*hypotássô*)» em «amar (*agapáo*) – submeter (*hypotássô*)»¹⁰⁴.

5. A palavra da Cruz

Pela sua importância, vale a pena transcrever este imenso texto do princípio da Primeira Carta aos Coríntios:

«1,¹⁰ Exorto-vos, irmãos, pelo nome do Senhor Nosso, Jesus Cristo, para que a mesma coisa digais todos, e não haja entre vós divisões (*schísmata*); ao contrário, sede remendadores (*katértisménoi*: part. perf. pass. de *katartízô*) (cf. Mc 1,19; Mt 4,21 = remendar as redes) no mesmo pensamento e no mesmo

⁹⁷ Significa «passar», como um exército que desfila ou como um actor que passa pelo palco. A. C. THISELTON, *The First Epistle to the Corinthians*, p. 585.

⁹⁸ Trata-se dum genitivo epexegetico: a figura que é este mundo.

⁹⁹ B. MAGGIONI, *Il Dio di Paolo*, p. 146 e 148.

¹⁰⁰ O. KUSS, *Carta a los Romanos. Cartas a los Coríntios. Carta a los Gálatas*, Barcelona, Herder, 1976, p. 233.

¹⁰¹ O. CILLMANN, *Christ et le temps*, Neuchâtel-Paris, Delachaux & Niestlé, 1966, p. 152.

¹⁰² A. COUTO, *Como uma dádiva. Caminhos de antropologia bíblica*, Lisboa, UCE, 2.^a ed. revista, 2005, p. 119.

¹⁰³ B. MAGGIONI, *Il Dio di Paolo*, p. 250-251.

¹⁰⁴ W. SCHRAGE, *Zur Ethik der neutestamentlichen Haustafeln*, in *New Testament Studies*, 21, 1974-1975, p. 1-22; E. COTHENET, *Exégèse et Liturgie*, Paris, Cerf, 1988, p. 241.

parecer. ¹¹Foi-me, na verdade, feito saber a respeito de vós, meus irmãos, pelos de Cloé, que há rixas (*érides*) entre vós. ¹²Digo isto, porque cada um de vós diz: “Eu sou de Paulo, eu de Apolo, eu de Cefas, eu de Cristo”.

¹³Está dividido em partes (*meméristai*: perf. pass. de *merízô*) Cristo? Não foi Paulo que foi crucificado (*estaurôthê*: aor. pass. de *staurôô*) por vós (*hypèr hymôn*), pois não? Também não fostes baptizados no nome de Paulo, pois não? ¹⁴Dou graças a Deus por não ter baptizado nenhum de vós, a não ser Crispo e Gaio, ¹⁵para que ninguém diga que, no meu nome, fostes baptizados. ¹⁶É verdade que também baptizei a casa de Estéfanos; de resto, não sei se alguém mais baptizei.

¹⁷Na verdade, Cristo não me enviou (*apésteilen*: aor. de *apostéllô*) a baptizar (*baptízein*), MAS A EVANGELIZAR (*allà euaggelízesthai*), não com a sabedoria da palavra (*ouk en sophía lógou*), para que não seja esvaziada (*kenôthê*: aor. pass. de *kenôô*) a Cruz de Cristo (*ho stauròs tou Christou*).

¹⁸Na verdade, a palavra, a da Cruz (*ho lógos ho tou staurou*) loucura (*môria*) para os que se perdem (*apóllyménous*) é, mas, para os que se salvam (*sôzoménous*), para nós, poder de Deus é. ¹⁹Está escrito (*gégraptai*), na verdade: “Destruirei a sabedoria dos sábios, / e a inteligência dos inteligentes anularei. ²⁰Onde está o sábio? Onde está o escriba?” Onde está o argumentador (*syzêtêtês*) deste tempo? Não tornou louca (*emôrasen*: aor. de *môrainô*) Deus a sabedoria do mundo? ²¹Visto que o mundo, por meio da sabedoria, não conheceu Deus na sabedoria de Deus, aprouve (*eudókêsen*) a Deus, por meio da loucura do anúncio (*dià tês môrias tou kêrygmatos*), salvar os que acreditam (*toûs pisteúontas*). ²²Os judeus pedem sinais (*sêmeia*), e os gregos procuram a sabedoria (*sophía*); ²³nós, porém, anunciamos (*kêryssomen*) Cristo crucificado (*Christon estaurômenon*: part. perf. pass. de *staurôô*), escândalo para os judeus, loucura (*môria*) para os gentios. ²⁴Mas, para aqueles que são chamados (*tois klêtois*), quer judeus quer gregos, Cristo é poder de Deus e sabedoria de Deus. ²⁵Na verdade, a loucura de Deus (*tò môròn tou theou*) é mais sábia do que os homens, e a fraqueza (*asthenés*) de Deus é mais forte do que os homens» (1 Cor 1,10-25).

Pela configuração que demos ao texto, deixámos em posição central o v. 17, que vários autores consideram a chave de compreensão de 1 Cor 1-4, e mesmo da inteira Primeira Carta aos Coríntios¹⁰⁵. Na verdade, em 1 Cor 1,17, está bem formulada a tese de Paulo: foi enviado (apóstolo) por Cristo a Evangelizar, não

¹⁰⁵ D. LITFIN, *St. Paul's Theology of Proclamation: 1 Corinthians 1-4 and Greco-Roman Rhetoric*, Cambridge, Cambridge University Press, 1994, p. 187. Giuseppe Barbaglio vê no v. 17 a tese de Paulo. G. BARBAGLIO, *Il pensare dell'Apostolo Paolo*, Bolonha, EDB, 2004, p. 127.

como um saltimbanco da linguagem¹⁰⁶, com eloquência e autosuficiência quanto baste, mas com a palavra frágil e escandalosa da Cruz.

A anteceder o v. 17, fala-se de divisões que há que remendar, diferentes grupos de pertença identificados pelos seus patronos, cinco menções do verbo «baptizar». Imediatamente a seguir ao v. 17, fala-se de «a palavra da Cruz» (*ho lógos ho toû stauroû*) – fórmula condensada e original, só aqui em todo o NT¹⁰⁷ –, da loucura (*môria, môros, môraínô*)¹⁰⁸ do poder de Deus que destrói a sabedoria do mundo, do anúncio de Cristo crucificado para sempre: tal é o significado do perfeito passivo *estauroménon*¹⁰⁹.

Dupla loucura é que a Cruz seja *ad unius* o objecto e o método do anúncio. A Cruz é o sinal de que Deus nos ama radicalmente debruçando-se por amor sobre nós, e que se recusa a impor o amor¹¹⁰. O crucificado (*estauroménon*) mostra que a dádiva da vida é total e permanente. Cúmulo da loucura: da palavra da Cruz faz parte o anúncio de que Cristo Ressuscitado é aquele crucificado¹¹¹.

E este anúncio, além de reclamar a nossa radical identificação com Cristo que dá a sua vida por nós, convida-nos ainda a subir ao púlpito para proclamar o Evangelho de Cristo, alto e bom som¹¹². Anunciar a morte de Jesus não tem qualquer sentido fúnebre, não é anunciar o sofrimento dorido ou a coragem do herói, tão-pouco a resignação ou, no pólo oposto, qualquer aspecto belicoso – do tipo *in hoc signo vinces*, de constantiniana memória, transposto depois para o estandarte dos cruzados¹¹³, ou qualquer outra manifestação de heroicidade a favor de alguém e contra alguém, como vemos nos modernos *kamikaze* –, mas sim a soberana novidade da dádiva da vida por amor a todos sem excepção.

Aquele «não me enviou a baptizar, mas a evangelizar» poderia levar-nos a supor a existência de uma ruptura entre o ministério sacramental e o ministério do anúncio. Seria um erro supor que Paulo estabelecesse um contraste entre os dois ministérios. Na verdade, tanto o Baptismo como a Ceia do Senhor proclamam o Evangelho da morte e da ressurreição de Cristo (Rm 6,3-11; 1 Cor 11,24-27)¹¹⁴. É possível, porém, ver uma certa diferença nas Cartas de Paulo entre a Ceia do Senhor, cuja prática é feita remontar directamente à tradição de Jesus, e o Baptismo, cuja prática não aparece directamente na linha

¹⁰⁶ G. BARBAGLIO, *Il pensare dell'Apostolo Paolo*, p. 116.

¹⁰⁷ G. BARBAGLIO, *Il pensare dell'Apostolo Paolo*, p. 123.

¹⁰⁸ Cinco anotações em oito versículos. O seu sentido fundamental é a estupidez. B. MAGGIONI, *Il Dio di Paolo*, p. 127.

¹⁰⁹ B. MAGGIONI, *Il Dio di Paolo*, p. 124-125.

¹¹⁰ B. MAGGIONI, *Il Dio di Paolo*, p. 131-133.

¹¹¹ G. BARBAGLIO, *Il pensare dell'Apostolo Paolo*, p. 126.

¹¹² A. C. THISELTON, *The First Epistle to the Corinthians*, p. 886-887.

¹¹³ G. BARBAGLIO, *Il pensare dell'apostolo Paolo*, p. 118.

¹¹⁴ A. C. THISELTON, *The First Epistle to the Corinthians*, p. 142-143.

da tradição de Jesus, ao contrário do que sucede, por exemplo, em Mt 28,19. Ecos desta divergência podem ver-se ainda em 1 Cor 1,13-17, em que aparece uma concepção do Baptismo que cria uma particular ligação de pertença do baptizado em relação a quem o baptiza. Charles Perrot refere mesmo que este aspecto é um dos traços característicos dos movimentos baptistas¹¹⁵.

É provável, de acordo com Jürgen Becker, que a tipologia baptismal do vestido ou revestimento (revestidos de Cristo) remonte à comunidade de Antioquia, donde Paulo a terá recebido¹¹⁶:

«3,²⁶Na verdade, todos (*pántes*) filhos de Deus sois, através da fé em Cristo Jesus (*en Christô Iêsoû*),²⁷ pois os que para Cristo (*eis Christón*) fostes baptizados, de Cristo fostes revestidos (*enedýsasthe*: aor. de *endýô*).²⁸ Não há judeu nem grego, não há escravo nem livre, não há macho e fêmea, pois todos (*pántes*) vós um sois em Cristo Jesus (*en Christô Iêsoû*)» (Gl 3,26-28).

Note-se, em primeiro lugar, o ritmo circular do texto com «todos» e «em Cristo Jesus» a abrir e a fechar¹¹⁷. Note-se também, no coração do texto, a tradução do baptismo como «passagem», transferência para Cristo (*eis Christón*)¹¹⁸, até ao ponto de nos «revestirmos» de Cristo (cf. Rm 13,14), metáfora da vida nova em Cristo, com Cristo, como Cristo, outro Cristo¹¹⁹, não de uma vez por todas, mas um afazer de todos os dias, como denota o uso do aoristo (aqui e em Rm 13,14)¹²⁰.

O ícone desta passagem ou transferência para Cristo, a renovar todos os dias, bem pode ser Santo Agostinho. Na sua intensa busca da verdade, foi de Tagaste para Cartago, para Milão. Homem inquieto, no pólo oposto do *coktail* da tranquilidade e consolo, servido pela *New Age* ou da *Next Age*, e de acordo com a advertência de Julien Green: «Enquanto estivermos inquietos, podemos estar tranquilos». No princípio do Outono de 386, angustiado e inquieto, Agostinho sai para o jardim da sua casa, em Milão, e chora amargamente, sentado debaixo de uma figueira. Ouve então uma criança que, na casa vizinha, cantarolava uma estranha letra: «Toma e lê!», «toma e lê!» Agostinho apercebeu-se de que não era normal uma criança trautear uma canção com uma letra assim. Foi, por isso, levado a compreender que bem podia ser um recado de Deus para ele. Entrou em casa, desenrolou à sorte as Cartas de S. Paulo que tinha sobre a mesa, e leu:

¹¹⁵ Ch. PERROT, *Gesù e la storia*, p. 100.

¹¹⁶ J. BECKER, *Paul, «L'Apôtre des nations»*, p. 129 e 288.

¹¹⁷ S. LÉGASSE, *L'Épître de Paul aux Galates*, p. 272.

¹¹⁸ S. LÉGASSE, *L'Épître de Paul aux Galates*, p. 276.

¹¹⁹ S. LÉGASSE, *L'Épître de Paul aux Galates*, p. 277-278.

¹²⁰ D. J. MOO, *The Epistle to the Romans*, p. 826, nota 50.

«13,^{13b}Não em orgias e bebedeiras, não em devassidão e libertinagem, não em rixas e ciúmes, ¹⁴mas REVESTI-VOS (*endýsasthe*: imper. aor. de *endýô*) do Senhor Jesus Cristo e não presteis atenção à carne através da concupiscência» (Rm 13b-14).

Nesse dia e nessa hora, nasceu Santo Agostinho¹²¹.

Também é provável, como aponta Simon Légasse, que o agrado do baptismo com o mistério da morte e da ressurreição de Cristo constitua uma originalidade paulina¹²²:

«6,³Ou ignorais que todos os que fomos baptizados para Cristo Jesus (*eis Christòn Iêsoûn*), foi na sua morte que fomos baptizados? ⁴Fomos com-sepultados (*syntéphêmen*: aor² pass. de *syntáptô*) com ele por meio do baptismo na morte, para que, como foi ressuscitado (*égérthê*: aor. pass. de *egeíró*) Cristo dos mortos por meio da glória do Pai (*dià tês dóxês tou patrós*), assim também nós numa vida renovada (*kainótêti zôês*) caminhemos (*peripatêsômen*: conj. aor. de *peripatéô*). ⁵Se, na verdade, com-crescidos (*symphytoi*) nos tornámos (*gegónamen*: perf. de *gínomai*) com ele por morte semelhante à sua, também o seremos na ressurreição» (Rm 6,3-5).

Texto intenso para traduzir a nossa vital participação com Cristo, movimentação para Cristo traduzida no *eis Christòn*¹²³, através do baptismo, pelo qual já fomos com-sepultados (aoristo) e com-crescemos (perfeito)¹²⁴. Na verdade, Paulo fala muitas vezes da participação do cristão na morte de Cristo (Gl 2,19; 5,4; 6,14; 2 Cor 4,10; 5,15), mas esta é a única passagem autêntica (cf. Cl 2,12) que associa o baptismo à morte de Cristo. Ainda assim, de forma bastante subtil, pois o baptismo desaparece a partir de 6,5¹²⁵. Que a Ressurreição de Cristo seja atribuída à glória do Pai mostra a dependência de Paulo em relação ao AT, onde os milagres e as teofanias do Êxodo são atribuídas à glória (*kabôd*, *dóxa*) de Deus (Ex 15,7 e 11; 16,7 e 10)¹²⁶. Note-se a articulação da «vida renovada» do baptizado com a «criação renovada» (*kainê ktísis*) de quem está «em Cristo» (*en Christô*) (2 Cor 5,17). Note-se ainda

¹²¹ Agostinho narra este episódio nas suas *Confissões*, Livro VIII, 12.

¹²² S. LÉGASSE, *Naissance du baptême*, Paris, Cerf, 1993, p. 130-131.

¹²³ J. D. G. DUNN, *The Theology of Paul the Apostle*, p. 404.

¹²⁴ *Symphytoi* (de *symphyô*) traduz vida (nascer e crescer) em conjunto, e pode evocar a imagem de um enxerto (cf. Jo 15). J. A. FITZMYER, *Lettera ai Romani*, p. 518; D. J. MOO, *The Epistle to the Romans*, p. 368, e nota 76. O tempo perfeito (*gegónamen*) indica sempre, e também neste caso, um acontecimento cujos efeitos permanecem. S. LÉGASSE, *L'Épître de Paul aux Romains*, p. 395 e 397.

¹²⁵ S. LÉGASSE, *L'Épître de Paul aux Romains*, p.391-398.

¹²⁶ S. LÉGASSE, *L'Épître de Paul aux Romains*, p. 395.

o «caminhar», com conotação ética, que Paulo pediu emprestado ao AT (Ex 18,20; 2 Rs 20,3; 22,2; Sl 86,11; Pr 8,20; 28,18)¹²⁷.

É inquestionável, e Paulo mostra-o até à exaustão, que a Cruz de Cristo constitui o chão e o critério da identidade cristã e apostólica¹²⁸.

Basta que nos detenhamos um pouco a contemplar a riqueza destes textos selectos:

«3,²⁵Deus o expôs (*proétheto*) como PROPICIATÓRIO (*hilastêrion*), por seu próprio sangue, mediante a fé» (Rm 3,25).

«3,¹Aos (vossos) olhos (*kat'ophthalmoús*), Jesus Cristo exposto por escrito (*pro-egráphê*), crucificado (*estaurôménos*)» (Gl 3,1).

«1,¹⁸A palavra, a da cruz» (*ho lógos gàr ho toû staurou*) (1 Cor 1,18).

«1,²³Nós anunciamos Cristo crucificado (*estaurôménon*), para os judeus escândalo (*skándalon*), para os gentios loucura (*môrian*)» (1 Cor 1,23).

«2,²Na verdade, decidi não saber nada entre vós, senão Jesus Cristo, e este crucificado (*estaurôménon*) (1 Cor 2,2).

Também é verdade, e di-lo bem Alexandra Brown, a partir dos textos densos de Paulo, que o anúncio da Cruz abre para «uma nova maneira de estar no mundo»¹²⁹. E também é importante compreender, com John Louis Martyn, que o oposto de «conhecer *katà sárka*» não é apenas «conhecer *katà pneûma*», mas também «conhecer *katà staurón*»¹³⁰.

6. A força nova de uma testemunha

No seu discurso aos Membros do *Consilium de Laicis*, proferido em 02 de Outubro de 1974¹³¹, Paulo VI fez uma importante afirmação, que depois retomou na Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi* (08 de Dezembro de 1975), n.º 41:

¹²⁷ J. A. FITZMYER, *Lettera ai Romani*, p. 517-518.

¹²⁸ W. SCHRAGE, *Der erste Brief an die Korinther*, I, Neukirchen-Vluyn, Zúrique-Dusseldorf, Neukirchener Verlag-Benziger Verlag, 1991, p. 165.

¹²⁹ A. R. BROWN, *The Cross in Human Transformation: Paul's Apocalyptic Word in 1 Corinthians*, Mineapolis, Fortress, 1995, p. 12.

¹³⁰ A afirmação é de J. L. MARTYN, *Epistemology at the Turn of the Ages: 2 Cor 5,16*, in H. R. FARMER, C. F. D. MOULE, R. R. MIEBUER (eds.), *Christian History and Interpretation: Studies Presented to John Knox*, Cambridge, Cambridge University Press, 1967, p. 272. Ver Também A. C. THISELTON, *The First Epistle to the Corinthians*, 147.

¹³¹ AAS, 66, 1974, p. 568.

«O homem contemporâneo escuta com melhor boa vontade as testemunhas do que os mestres, ou então, se escuta os mestres, é porque eles são testemunhas».

Paulo entra bem nesta catalogação do mestre que é testemunha. Ele sabe bem que foi chamado desde o ventre materno (Gl 1,15; cf. Is 49,1; Jr 1,5). Que foi agarrado por Jesus Cristo (Fl 3,12). Que foi amado por Jesus Cristo (Gl 2,20). Que o amor de Cristo tomou conta dele (*hê agápê tou Christoû synéchei hêmâs*) (2 Cor 5,14), programando-o¹³². Que, para ele, viver é Cristo (Fl 1,21), pois é Cristo que vive nele (Gl 2,20), e fala nele (2 Cor 13,3)¹³³.

É por isso que Paulo estava tomado (*syneicheto*: imperf. passivo de *synéchô*) pela Palavra o tempo todo, dando testemunho aos judeus de que Jesus era o Cristo (Act 18,5). Tomava conta da Palavra, que tomou conta dele.

A abrir o Capítulo nono da Primeira Carta aos Coríntios, Paulo apresenta as suas credenciais apostólicas, servindo-se de uma série de perguntas retóricas que reclamam outras tantas respostas afirmativas enfáticas¹³⁴:

«9,¹ Não sou livre? Não sou apóstolo? Não VI (*heôraka*) Jesus, o Senhor nosso?» (1 Cor 9,1).

Este VER, no tempo perfeito grego, indica que Paulo não se refere apenas a uma experiência do passado, que não afecta o presente, mas a uma experiência cujo efeito continua no presente¹³⁵. Empregando este tempo gramatical, Paulo afirma que viu e que continua a ver Jesus, apresentando-se, portanto, como uma testemunha credível e convincente. O tempo perfeito é o tempo da testemunha. Só alguém com a vida cheia de Jesus pode dar testemunho de Jesus.

Atente-se também, neste sentido, nas palavras elucidativas que Ananias dirige a Paulo:

«22,¹⁴ O Deus dos nossos pais designou-te para conhecer a vontade dele e VER (*ideîn*: inf. aor² de *horáo*) o Justo e ESCUTAR (*akoúsai*: inf. aor. de *akoúô*) a voz da boca dele, ¹⁵ porque serás testemunha (*mártys*) dele para todos os homens acerca das coisas que VISTE (*heôrakas*: perf. de *horáo*) e ESCUTASTE (*êkousas*: aor. de *akoúô*)» (Act 22,14-15).

¹³² O verbo *synéchô* significa «tomar conta de», «dominar completamente»... M. J., HARRIS, *The Second Epistle to the Corinthians*, p. 419.

¹³³ J. GNILKA, *Pablo de Tarso*, p. 250.

¹³⁴ A. C. THISELTON, *The First Epistle to the Corinthians*, p. 667.

¹³⁵ A. C. THISELTON, *The First Epistle to the Corinthians*, p. 668.

E ainda nas palavras que lhe dirige o próprio Senhor Ressuscitado:

«26,¹⁶ Levanta-te, e fica de pé. Por isto me FIZ VER a ti (*ôphthên soi*)¹³⁶: para te designar servo e testemunha (*mártys*) das coisas que VISTE (*eîdes*: aor2 de *horáô*) de mim e daquelas que te farei VER (*ophthêsomai*)» (Act 26,16).

Os textos citados do Livro dos Actos dos Apóstolos ostentam mesmo a palavra «testemunha» (*mártys*) (Act 22,15; 26,16)¹³⁷, e continuam a mostrar a mesma visão testemunhal, com o verbo VER no tempo perfeito (Act 22,15). Mas recorrem também a um outro VER, traduzido com o aoristo segundo de *horáô*, que é *eîdon*, infinito *ideîn*, que implica uma visão nova e profunda, para além das aparências, interior, não necessariamente ocular, que tem a ver com a identidade (Act 22,14; 26,16)¹³⁸. Mas note-se ainda a importância do ESCUTAR (Act 22,14 e 15), expresso com o verbo *akoúô*, que faz passar do ouvir físico para a docilidade do coração, de modo a facultar que a Palavra entre e ressoe no coração fiel¹³⁹. É outra nota importante da testemunha fiel e amante.

É verdade que quem, como Paulo, tem a vida cheia de Jesus e vive de Jesus, tenha mesmo de dar testemunho de Jesus. Eis como Paulo expressa essa necessidade:

«9,¹⁶ Evangelizar (*euaggelízomai*) não é para mim um título de glória, mas uma necessidade que se me impõe. Ai de mim (*ouai gár moi estin*) se não evangelizar! (*eàn mê euaggelízomai*)» (1 Cor 9,16).

E também fica esclarecida a afirmação forte de Paulo VI na Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*, n.º 14:

«A missão de evangelizar é a graça e a vocação própria da Igreja, de toda a Igreja, a sua identidade mais profunda. A Igreja existe para evangelizar».

E também se entendem bem as palavras de João Paulo II na Carta Apostólica *Novo Millenio Ineunte* (06 de Janeiro de 2001), n.º 40:

¹³⁶ É outra vez o dativo do beneficiário já atrás mencionado.

¹³⁷ J. GNILKA, *Pablo de Tarso*, p. 9-10. De notar que Joachim Gnilk põe mesmo como subtítulo do seu livro «Apóstolo e testemunha».

¹³⁸ C. TRAETS, *Voir Jésus et le Père en Lui selon l'Évangile de Saint Jean*, Roma, Libreria Editrice dell'Università Gregoriana, 1967, p. 41; B. MAGGIONI, *Era veramente uomo. Rivisitando la figura di Gesù nei Vangeli*, Milão, Ancora, p. 151.

¹³⁹ I. DE LA POTTERIE, *Studi di Cristologia Giovannea*, Génova, Marietti, 3.ª ed., 1992, p. 293.

«Esta paixão (“Ai de mim se não evangelizar!”: 1 Cor 9,16) não deixará de suscitar na Igreja uma nova missionariedade, que não poderá ser delegada a um grupo de “especialistas”, mas deverá corresponsabilizar todos os membros do povo de Deus. Quem verdadeiramente encontrou Cristo, não pode guardá-l’O para si; tem de O anunciar».

A verdade é que, com aquele «Ai de mim», que é uma «fórmula de desgraça» em uso no discurso profético¹⁴⁰, Paulo confessa que a sua vida se desmorona, que se desfaz num amontoado de ruínas, se não se dedicar apaixonadamente ao anúncio do Evangelho!

7. A identidade de apóstolo e de servo

«*Paûlos* é o único nome que o Apóstolo usa para si mesmo nas suas Cartas autênticas ou que é usado em referência a ele nas Deuteropaulinas e nas Pastorais»¹⁴¹. É Lucas que, no Livro dos Actos dos Apóstolos, fala de outro nome, Saulo, na forma grecizada de *Saûlos* (Act 7,58; 8,1.3; 9,1.8.11.22.24; 11,25.30; 12,25; 13,1.2.7.9), ou na forma semítica transliterada de Saul [*Sha’ûl*] (Act 9,4 e 17; 22,7 e 13; 26,14). E não é sem alguma estranheza que, depois de ter usado sempre Saulo e Saul, e nunca Paulo, vemos o autor dos Actos a escrever assim em Act 13,9: «Saulo, dito também Paulo» (*Saûlos dé, ho kai Paûlos*), passando a usar, a partir daqui, habitualmente Paulo¹⁴².

Dizer «Paulo» é dizer «o Apóstolo Paulo»¹⁴³. De facto, «Apóstolo» (*apóstolos*) é o título que Paulo adscrive mais vezes ao seu nome Paulo (*Paûlos*), na apresentação (*titulatio*) das suas Cartas: Rm 1,1; 1 Cor 1,1; 2 Cor 1,1; Gl 1,1; Ef 1,1; Cl 1,1; 1 Tm 1,1; 2 Tm 1,1; Tt 1,1¹⁴⁴. Só não segue este procedimento nas Cartas aos Filipenses, 1 e 2 Tessalonicenses e Filémon¹⁴⁵. É quanto se pode ver a seguir detalhadamente, com o nome e os títulos em destaque:

¹⁴⁰ E. JENNI, *hôy Ay*, in E. JENNI, C. WESTERMANN (eds.), *Diccionario Teologico manual del Antiguo Testamento*, I, cols. 669-670.

¹⁴¹ J. A. FITZMYER, *Lettera ai Romani*, p. 276; J. Cl. LENTZ, *Le portrait de Paul selon Luc dans les Actes des Apôtres*, Paris, Cerf, 1998, p. 73.

¹⁴² J. A. FITZMYER, *Lettera ai Romani*, p. 276. resto, é igualmente sabido que, nas suas Cartas, Paulo nunca fala da sua cidadania romana nem do seu nascimento em Tarso. De acordo com o estudo de John Clayton Lentz, é difícil sustentar ao mesmo tempo a cidadania grega ou romana e o farisaísmo estrito, como se diz de Paulo em Act 21,17-23,11. Ver J. Cl. LENTZ, *Le portrait de Paul selon Luc dans les Actes des Apôtres*, p. 37-86.

¹⁴³ O. KUSS, *San Pablo. La aportación del Apóstol a la teología de la Iglesia primitiva*, Barcelona, Herder, p. 269.

¹⁴⁴ Para um leque mais vasto de referências e considerações noutras circunstâncias, ver J. CÔTÉ, *Cent mots-clés de la théologie de Paul*, Otava, Novalis – Cerf, 2000, p. 43-46.

¹⁴⁵ D. J. MOO, *The Epistle to the Romans*, p. 41.

«1,¹PAULO, SERVO de Cristo Jesus (*doûlos Christoû Iêsoû*), chamado APÓSTOLO, separado (*aphôrisménos*: part. perf. pass. de *aphorízô*) para o Evangelho de Deus» (Rm 1,1).

«1,¹PAULO, chamado APÓSTOLO de Cristo Jesus (*apóstolos Christoû Iêsoû*), por vontade de Deus...» (1 Cor 1,1).

«1,¹PAULO, APÓSTOLO de Cristo Jesus (*apóstolos Christoû Iêsoû*), por vontade de Deus...» (2 Cor 1,1).

«1,¹PAULO, APÓSTOLO, não por parte dos homens nem por intermédio de um homem, mas por Jesus Cristo (*dià Iêsoû Christoû*) e Deus Pai, que o ressuscitou dos mortos» (Gl 1,1).

«1,¹PAULO, APÓSTOLO de Jesus Cristo (*apóstolos Iêsoû Christoû*), pela vontade de Deus...» (Ef 1,1).

«1,¹PAULO e Timóteo, SERVOS de Cristo Jesus (*doûloi Christôu Iêsoû*)...» (Fl 1,1).

«1,¹PAULO, APÓSTOLO de Cristo Jesus (*apóstolos Christoû Iêsoû*), por vontade de Deus...» (Cl 1,1).

«1,¹PAULO e Silvano e Timóteo...» (1 Ts 1,1).

«1,¹PAULO e Silvano e Timóteo...» (2 Ts 1,1).

«1,¹PAULO, APÓSTOLO de Cristo Jesus (*apóstolos Christoû Iêsoû*)...» (1 Tm 1,1).

«1,¹PAULO, APÓSTOLO de Cristo Jesus (*apóstolos Christoû Iêsoû*)...» (2 Tm 1,1).

«1,¹PAULO, SERVO de Deus, APÓSTOLO de Jesus Cristo (*apóstolos Iêsoû Christoû*)...» (Tt 1,1).

«1¹PAULO, PRISIONEIRO de Cristo Jesus (*désmios Christoû Iêsoû*)...» (Flm 1).

Salta à vista a frequência da locução «Apóstolo de Cristo Jesus» (1 Cor,1,1; 2 Cor 1,1; Cl 1,1; 1 Tm 1,1; 2 Tm 1,1), por duas vezes alterada para «Apóstolo de Jesus Cristo» (Ef 1,1; Tt 1,1). «Servo de Cristo Jesus» também se ouve por duas vezes (Rm 1,1; Fl 1,1). Uma vez ressoa «Prisioneiro de Cristo Jesus» (Flm 1). Vê-se bem que estas locuções configuram genitivos subjectivos (o apóstolo é enviado por Cristo) e/ou genitivos de posse (o apóstolo pertence a Cristo), acentuando bem a profunda ligação que une Paulo a Cristo¹⁴⁶. A locução «Apóstolo por Jesus Cristo» (*apóstolos dià Iêsoû Christoû*) (Gl 1,1) constitui também um genitivo subjectivo¹⁴⁷.

Pressente-se também que é muito querido a Paulo o título de «apóstolo das nações» (*ethnôn apóstolos*) (Rm 11,13; cf. Gl 1,16; 2,2.8-9)¹⁴⁸, vendo nas

¹⁴⁶ M. J. HARRIS, *The Second Epistle to the Corinthians*, p. 128-129.

¹⁴⁷ M. J. HARRIS, *The Second Epistle to the Corinthians*, p. 130.

¹⁴⁸ J. A. FITZMYER, *Lettera ai Romani*, p. 726. . J. MOO, *The Epistle to the Romans*, p. 691, nota 40, é nesta locução «qualquer coisa como um título».

«nações» os «não-judeus»¹⁴⁹, ainda que a sua «preocupação quotidiana» (*epístasis kath'êméran*) seja «o cuidado (*hê mérimna*) de todas as Igrejas (*pasôn tôn ekklesiôn*)» (2 Cor 11,28)¹⁵⁰.

Nas suas Cartas, Paulo nunca emprega o título de «apóstolo» para designar apenas o grupo estrito dos «doze»¹⁵¹. Em contrapartida, o autor do Livro dos Actos dos Apóstolos emprega-o muitas vezes e exclusivamente para designar o grupo dos «doze»¹⁵², não o aplicando a Paulo¹⁵³, com a excepção conhecida de Act 14,4 e 14, onde Barnabé e Paulo são também ditos «apóstolos», caso difícil de explicar¹⁵⁴, mas em que pode dar-se ao título apenas o sentido de enviados pela comunidade (de Antioquia)¹⁵⁵. Seja como for, não é por falta de apreço que o autor do Livro dos Actos dos Apóstolos não dá o título de Apóstolo a Paulo, pois o autor do Livro dos Actos, da terceira geração cristã, é um admirador apaixonado e entusiasta de Paulo, em quem vê o principal representante e o símbolo da grande segunda geração cristã de quem ele e os seus amigos se reconhecem devedores¹⁵⁶. O motivo deve-se simplesmente aos requisitos apresentados em Act 1,21-22, que definem como «apóstolo» aquele que tenha seguido connosco atrás de Jesus desde o seu Baptismo até à sua Ascensão aos céus:

«1,²¹É necessário (*dei*), pois, que, dos homens que vieram connosco (*synérchomai*) durante todo o tempo em que entrou e saiu à nossa frente o Senhor Jesus, ²²tendo começado desde o Baptismo de João até ao dia em que Ele foi arrebatado (*anêlêmphthê*)¹⁵⁷ diante de nós, um destes se torne connosco testemunha da sua Ressurreição» (Act 1,21-22).

Paulo não restringe o título de «apóstolo» aos que preenchem os critérios estritos apresentados pelo autor do Livro dos Actos dos Apóstolos, mas vê-o e

¹⁴⁹ L. LEGRAND, *L'Apôtre des nations? Paul et la stratégie missionnaire des Églises apostoliques*, Paris, Cerf, 2001, p. 35. Segundo o autor, é por isso que Paulo se dirige para a Europa, evitando a África (Alexandria) e a Ásia (Babilónia), onde havia extensas colónias judaicas.

¹⁵⁰ Neste «todas as Igrejas» estão em primeiro lugar as Igrejas que Paulo fundou e a quem dedica o seu cuidado pastoral, sem excluir, no entanto, outras comunidades cristãs. M. J. HARRIS, *The Second Epistle to the Corinthians*, p. 813.

¹⁵¹ D. MÜLLER, *Apóstol (apostéllō)*, in L. COENEN, E. BEYREUTHER, H. BIETENHARD (eds.), *Diccionario teológico del Nuevo Testamento*, I, Salamanca, Sígueme, 1980, p. 142.

¹⁵² D. MÜLLER, *Apóstol (apostéllō)*, p. 140.

¹⁵³ G. BORNKAMM, *Pablo de Tarso*, 19; G. ROSSÉ, *Atti degli Apostoli. Commento esegetico e teologico*, Roma, Città Nuova, 1998, p. 49.

¹⁵⁴ Vejam-se as inúmeras soluções que a crítica tem sugerido. G. ROSSÉ, *Atti degli Apostoli*, p. 535.

¹⁵⁵ É a leitura de J. BECKER, *Paul «L'Apôtre des nations»*, p. 75.

¹⁵⁶ R. MADDOX, *The Purpose of Luke-Acts*, Edimburgo, T & T Clark, 1985, p. 76.

¹⁵⁷ Aoristo passivo de *analambánō*.

vê-se no sentido preciso de quem é chamado, acreditado e enviado por Deus/Cristo Ressuscitado para anunciar o Evangelho, e faz deste trabalho a sua vida toda, de tal modo que bem podemos dizer, com Lorenzo de Lorenzi, acerca de Paulo, que «a sua vida privada era... a apostólica»¹⁵⁸. Verdadeiramente, Paulo é de Cristo, como devem ser todos os cristãos (cf. 1 Cor 3,21-23)¹⁵⁹:

«3,²¹(...)Na verdade, todas as coisas são vossas,²²quer Paulo, quer Apolo, quer Cefas, quer o mundo, quer a vida, quer a morte, quer as coisas presentes, quer as futuras. Todas as coisas são vossas,²³mas vós de Cristo (*hymeîs dè Christou*), e Cristo de Deus» (1 Cor 3,21-23).

Texto clarividente, que olha para trás, em confronto com o exclusivismo de 1 Cor 1,12¹⁶⁰, mas olha também para a frente, em confronto com a autonomia e autosuficiência de 1 Cor 6,19¹⁶¹, pondo tudo sob a liberdade trazida por Cristo (1 Cor 7,23)¹⁶²:

«1,¹²Digo isto, porque cada um de vós diz: “Eu sou de Paulo, eu de Apolo, eu de Cefas, eu de Cristo» (1 Cor 1,12).

«6,¹⁹Ou não sabeis que o vosso corpo é Templo do Espírito Santo que está em vós, que tendes de Deus, e que não sois de vós mesmos (*kai ouk estè heautôn*)»? (1 Cor 6,19).

«7,²³Por preço fostes comprados; não vos torneis escravos dos homens» (1 Cor 7,23).

Neste sentido, ao mesmo tempo profundo e alargado, Paulo pode dar o título de «apóstolo» também a alguns dos seus colaboradores.

E para ilustrar melhor este cadeado ou aliança que une estreitamento a vida do apóstolo à de Cristo – Paulo de Cristo –, veja-se este texto do IV Evangelho:

«20,²¹Disse-lhes então Jesus outra vez: “A paz convosco! Como (*kathôs*) me enviou (*apéstalken*: perf. de *apostéllō*) o Pai, também Eu vos mando ir (*pém-pô*)”» (Jo 20,21).

¹⁵⁸ L. DE LORENZI, *La vida spiritual de Pablo*, p. 92.

¹⁵⁹ L. DE LORENZI, *La vida spiritual de Pablo*, p. 91.

¹⁶⁰ A. C. THISELTON, *The First Epistle to the Corinthians*, p. 325.

¹⁶¹ A. C. THISELTON, *The First Epistle to the Corinthians*, p. 327.

¹⁶² A. C. THISELTON, *The First Epistle to the Corinthians*, p. 327-328.

Como em muitas outras passagens, o uso do verbo *apostéllō* acentua o papel do «enviado», que é Jesus, do mesmo modo que o uso do verbo *pémpō* sublinha o papel do «enviante», que, neste caso, continua a ser Jesus¹⁶³. Por outro lado ainda, o envio de Jesus apresenta-se no perfeito grego, pelo que a sua missão começou e continua. Não terminou. Ele continua em missão. A nossa missão está no presente. O presente da nossa missão aparece, portanto, agraado à missão de Jesus¹⁶⁴, e não faz sentido sem ela e sem Ele: «*Como* me enviou o Pai, *também* eu vos mando ir». Nós implicados e imbricados n'Ele e na missão d'Ele. E aquele *como* define o estilo da nossa missão de acordo com o estilo da missão de Jesus, que nos ama descendo ao nosso nível¹⁶⁵.

Neste sentido, e parafraseando Edward Schweizer, podemos dizer, tendo Paulo como modelo, que o Apóstolo não é autónomo, mas cristónimo¹⁶⁶. E, para acentuar esta crístonomia do Apóstolo, vemos Paulo a subordinar o «apostolado» à «graça», formando uma hendíade, em que o apostolado decorre da graça e dela é efeito (Rm 1,5)¹⁶⁷, tal como no binómio «graça e paz», a paz decorre e é efeito da graça:

«1,⁴(...) de Jesus Cristo, o Senhor nosso, ⁵por quem recebemos a graça e o apostolado (*cháris kai apostolē*)» (Rm 1,4-5).

O título de «servo» ou «escravo» (*doûlos*) é também do gosto de Paulo, que o adscribe ao seu nome na apresentação (*titulatio*) das Cartas aos Romanos (1,1), aos Filipenses (1,1) e a Tito (1,1), a que se pode acrescentar a afirmação forte de Gl 1,10 – «Se ainda aos homens eu quisesse agradar (*êreskon*: imperf. de *arésô*), servo de Cristo não seria»¹⁶⁸ – querendo com esta designação sublinhar a sua total submissão a Cristo e o seu empenho radical ao serviço daquele que é o Senhor (*Kýrios*)¹⁶⁹, e a quem Paulo chama «Cristo Jesus, o meu Senhor (*Christós lêsoûs hô kýrios mou*)» (Fl 3,8), expressão única, pois é a única vez em que Paulo agraça

¹⁶³ E. TESTA, *La missione e la catechesi nella Bibbia*, Brescia – Roma, Paideia – Urbaniana University Press, 1981, p. 170-171.

¹⁶⁴ F. BLANQUART, *Le premier jour* (Jn 20), Paris, Cerf, 1991, p. 97.

¹⁶⁵ Sobre este «como», ver CONFERÊNCIA EPISCOPAL ITALIANA, *Comunicare il Vangelo in un mondo che cambia. Orientamenti pastorali dell'Episcopato Italiano per il primo decennio del 2000* (29 de Junho de 2001), n.º 63.

¹⁶⁶ E. SCHWEIZER, *Das Leben des Herrn in der Gemeinde und ihren Diensten*, Zurich, Paperback, 1946, p. 70.

¹⁶⁷ S. LÉGASSE, *L'Épître de Paul aux Romains*, p. 60; S. LÉGASSE, *L'Épître de Paul aux Galates*, p. 94, nota 6, e p. 143.

¹⁶⁸ Para outras referências e considerações, ver J. CÔTÉ, *Cent mots-clés de la théologie de Paul*, p. 426-429.

¹⁶⁹ J. A. FITZMYER, *Lettera ai Romani*, p. 276-277; D. MOO, *The Epistle to the Romans*, p. 41; S. LÉGASSE, *L'Épître de Paul aux Romains*, p. 53; S. LÉGASSE, *L'Épître de Paul aux Galates*, p. 71-72.

«meu» a «Senhor»¹⁷⁰. A locução «servo do Senhor» (*doúlos Kyriou*) encontra-se unicamente em 2 Tm 2,24, uma evocação clara do Servo de YHWH isaiano (Is 42,1-4) e do Servo Jesus, manso e humilde de coração (Mt 11,29)¹⁷¹:

«2,²⁴Um servo do Senhor não deve entrar em disputas (*hou dêi máchestai*), mas deve ser amável (*êpios*) para todos, apto para ensinar (*didaktikós*)¹⁷², tolerante,²⁵ instruindo com mansidão os que se lhe opõem...» (2 Tm 2,24-25).

A sobreposição dos dois títulos entrelaçados («servo» e «apóstolo») em Rm 1,1 ajuda a compreender que Paulo se vê a si a mesmo como «apóstolo» enquanto «servo» totalmente dedicado a Cristo e por ele enviado¹⁷³.

Para se compreender o verdadeiro alcance deste título honorífico, o único recurso válido é o Antigo Testamento, uma vez que o mundo grego nunca definiria a liberdade em termos de «serviço» ou «escravidão», pois exalta a independência e a autonomia do indivíduo¹⁷⁴. Na língua grega profana, o termo *doúlos* («escravo») e o verbo *douleúô* («servir como escravo») são impróprios para qualquer título de nobreza e apenas suscitam repulsa¹⁷⁵. Em contraponto, Paulo exorta assim os cristãos da Galácia: «Através do amor, fazei-vos escravos uns dos outros (*dià tês agápês douleúete allêlois*)» (Gl 5,13). E então pode ver-se Paulo na esteira dos grandes e venerados «servos» ou «escravos» do AT: Israel (Ne 1,6; Is 43,10), Abraão (Sl 105,42), Moisés (Js 14,7; 2 Rs 18,12), Josué (Js 24,29; Jz 2,8), David (2 Sm 7,5; Sl 78,70; 89,4), os profetas (2 Rs 9,7; 17,23; Am 3,7; Zc 1,6), Elias (2 Rs 10,10), o Servo de YHWH por excelência, cantado por Isaías (Is 42,1-9; 49,1-7; 50,4-11; 52,13-53,12), o orante dos Salmos (Sl 27,9; 31,17).

Mas é justo destacar sobretudo o Servo de YHWH, de Isaías, e Jeremias, em quem Paulo se revê, pois em Gl 1,15-16 cita Is 42,6, 44,2, 49,1 e Jr 1,5, todos objecto de contestação, desprezados, sujeitos a duras provas e sofrimento (2 Cor 4,8-9; Is 43,2; 52,14; 53,2-3; Jr 20,18), não especialistas em oratória (Paulo

¹⁷⁰ G. D. FEE, *Pauline Christology. An Exegetical-Theological Study*, Peabody, Hendrickson Publishers, 2007, p. 326, nota 82.

¹⁷¹ P. IOVINO, *Il discorso di Paolo a Mileto (At 20,17-38). Redazione, struttura, interpretazione*, in R. FABRIS (ed.), *La Parola di Dio cresceva (At 12,24). Scritti in onore di Carlo Maria Martini nel suo 70° compleanno*, Bolonha, EDB, 1998, p. 289.

¹⁷² O termo *didaktikós* é um *hapax* no NT. J. D. QUINN, W. C. WACKER, *The First and Second Letters to Timothy*, p. 246.

¹⁷³ G. LEONARDI, *I discepoli del Gesù terreno e i ministeri nelle prime comunità. Rottura o normale evoluzione?*, in R. FABRIS (ed.), *La parola di Dio cresceva (At 12,24). Scritti in onore di Carlo Maria Martini nel suo 70.º compleanno*, Bolonha, EDB, 1998, p. 472, nota 24.

¹⁷⁴ G. BARBAGLIO, *La legge mosaica nella Lettera ai Galati*, in R. FABRIS (ed.), *La parola di Dio cresceva (At 12,24)*, p. 407.

¹⁷⁵ S. LÉGASSE, *L'Épître de Paul aux Galates*, p. 71.

e Jeremias) (2 Cor 11,6; Jr 1,6)¹⁷⁶, e a quem é confiada uma missão de alcance universal, para as nações (Rm 11,13; Gl 1,16; Is 42,6; 49,6; Jr 1,5)¹⁷⁷.

Ainda que não se encontre na apresentação (*titulatio*) das Cartas, Paulo também adscribe a si o título de «servidor» (*diákonos*) em diversas circunstâncias: «servidor» de Deus (2 Cor 6,4), «servidor» de Cristo (2 Cor 11,23), «servidor» do Evangelho (Ef 3,7; Cl 1,23), «servidor» através do qual acreditaram os cristãos de Corinto (1 Cor 3,5), «servidor» da Igreja (Cl 1,25), «servidor» da nova aliança (2 Cor 3,6). E compartilha este título com alguns dos seus cooperadores: Febe (Rm 16,2), Timóteo (1 Tm 4,6; 1 Ts 3,2), Tíquico (Ef 6,21; Cl 4,7), Epafra (Cl 1,7). Este «serviço» (*diakonía*) realiza-se quer na vertente material quer espiritual, e *diákonos* é um termo predominantemente paulino¹⁷⁸. Tal como *koinônía*, também *diakonía* aparece a traduzir a colecta (Rm 15,31; 2 Cor 8,4; 9,1.12.13). Mas a expressão por excelência da colecta encontra-se em 2 Cor 8,19, em que a colecta é dita «a graça servida por nós» (*hê cháris háutê hê diakonouménê hyph' hêmôn*)¹⁷⁹, que nós estamos a servir, de acordo com o particípio presente *diakonouménê*¹⁸⁰.

Mas vejamos mais de perto uma das mais belas páginas em que Paulo registra este «serviço»:

«³,¹Começamos novamente a recomendar-nos a nós mesmos? Será que temos necessidade, como alguns, de cartas de recomendação para vós ou da vossa parte? ²A nossa carta sois vós, escrita (*eggegramménê*: part. perf. pass. de *eggráphō*) nos nossos corações, conhecida e lida por todos os homens, ³sendo manifesto que sois a carta de Cristo «servida» (*diakonêtheîsa*: part. aor. pass. de *diakonéō*) por nós (*hyph' hêmôn*), escrita (*eggegramménê*), não com tinta, mas com o Espírito do Deus vivo, não sobre tábuas de pedra, mas sobre tábuas que são corações de carne» (2 Cor 3,1-3).

Todo o relevo para a carta de Cristo escrita para sempre nos nossos corações, de acordo com o uso do perfeito grego. Desta carta, e em relação a Cristo, Paulo assume apenas o papel de «servidor», de amanuense que faz um trabalho humilde, mas belo, de transcrição¹⁸¹.

¹⁷⁶ G. BORNKAMM, *Pablo de Tarso*, p. 119.

¹⁷⁷ J.-Cl. INGALAERE, *Paul et l'exercice de l'autorité apostolique*, in J. SCHLOSSER (ed.), *Paul de Tarse*, p. 126-127.

¹⁷⁸ K. HESS, *diakonéō servir, diakonía servicio, diákonos servidor, hypêrêtês servidor*, in L. COENEN, E. BEYREUTHER, H. BIETENHARD (eds.), *Diccionario teológico del Nuevo Testamento*, IV, p. 212-216.

¹⁷⁹ A. WODKA, *Una teologia biblica del dare nel contesto della colletta paolina* (2 Cor 8-9), Roma, Pontifica Università Gregoriana, 2000, p. 171.

¹⁸⁰ M. J. HARRIS, *The Second Epistle to the Corinthians*, p. 604.

¹⁸¹ M. J. HARRIS, *The Second Epistle to the Corinthians*, p. 262-265; C. M. MARTINI, *Il Vangelo di Paolo*, p. 65-66.

8. Metodologia maternal e paternal: evangelização personalizada e a tempo inteiro

Quem, como Paulo, foi encontrado por Cristo e vive de Cristo a tempo inteiro, tem também de dar testemunho de Cristo a tempo inteiro, com CORAÇÃO MATERNO e PATERNO, gerando filhos¹⁸², dando-os à luz na dor, acalentando-os, exortando-os e consolando-os um a um, portanto, com tempo e total dedicação e persistência e paciência, e o zelo com que um pai guarda com dedicada atenção a filha para o casamento¹⁸³, ou chora a separação dos seus filhos, como ele próprio testemunha, escrevendo às comunidades cristãs por ele fundadas¹⁸⁴:

«4,¹⁴Não querendo envergonhar-vos (*entrépôn*: part. pres. de *entrépô*) escrevo estas coisas, mas como meus filhos amados (*tékna mou agapêta*) admoestando (*nouthetôn*: part. pres. de *nouthetéô*). ¹⁵Ainda que tivésseis tido dez mil pedagogos (*païdagôgoús*) em Cristo, não tendes muitos pais (*patéras*), pois em Cristo Jesus, por meio do Evangelho, eu vos GEREI (*egénnêsa*: aor. de *gennáô*)» (1 Cor 4,14-15).

«¹⁰Rogo-te pelo meu filho (*perì toû emoû téknou*), Onésimo, que GEREI (*egén-nêsa*: aor. de *gennáô*) na prisão» (Flm 10).

«4,¹⁹Meus filhos (*tékna mou*), que DOU À LUZ SOFRENDOS (*ôdínô*), até que (*méchris hoû*) seja formado (*morphôthê*: conj. aor. pass. de *morphôô*) Cristo em vós» (Gl 4,19).

«11,²Sou, na verdade, zeloso por vós, com o zelo de Deus, pois dei-vos em casamento (*hermosámên*: aor. médio de *harmózô*) a um único esposo, como virgem pura (*parthénon hagnên*), para vos apresentar (*parastêsai*: inf. aor. de *parístêmi*) a Cristo (*tô Christô*)» (2 Cor 11,2).

«2,¹⁷Nós, porém, irmãos, desfilhados (*aporphanisthéntes*: aor. pass. de *aporphanízô*) de vós por um momento, da vista, que não do coração, mais do que nunca estamos ansiosos e com muito desejo de ver o vosso rosto» (1 Ts 2,17).

¹⁸² A locução ganha mais força no caso de Onésimo (Flm 10), pois um escravo carregava a vergonha de não poder referir a sua filiação, ou porque não o sabia desde o princípio, ou porque tinha sido cancelada. Ver M. BARTH, H. BLANKE, *The Letter to Philemon*, p. 141.

¹⁸³ Esta imagem impõe-se em 2 Cor 11,2, uma vez que Paulo usa noutros contextos a imagem «pai-filhos» para descrever a sua relação com a comunidade de Corinto (1 Cor 4,14-15; 2 Cor 12,14). Ver M. J. HARRIS, *The Second Epistle to the Corinthians*, p. 734-738.

¹⁸⁴ L. DE LORENZI, *La vida spiritual de Pablo*, p. 92 e 107.

A linguagem é vivíssima, e traduz o amor dilecto e sem restrições deste Pai pelos seus filhos amados. Mas deixa entrever também a relação de filial e terna dependência destes filhos para com o Pai.

De notar a força da locução «em Cristo (Jesus)», usada em sobreposição (1 Cor 4,15), e que será estudada adiante (ponto 9.).

De registrar também o vivo contraste, recurso habitual em Paulo, entre o não querer deixar vermelhos de vergonha (*entrépô*) os coríntios com as suas advertências fortes (leia-se 1 Cor 4,8-13), mas admoestar (*nouthetêô* [= *noûs títhêmi* = «pôr na mente» ou «pôr a mente»; reclama o muito semítico «pôr o coração» (*sîm leb*))] os seus filhos amados com carinho (1 Cor 4,14)¹⁸⁵.

Também fica projectado na tela, com toda a luz e com toda a força, que gerar os filhos e dá-los à luz não são actos, mas atitudes a prosseguir até à (*méchris hoû*) configuração ou conformação com Cristo (Gl 4,19)¹⁸⁶. Esta é, de resto, a atitude da esperança patente na celebração da Ceia do Senhor: «Anunciais a morte do Senhor até que (*áchris hoû*) Ele venha» (1 Cor 11,26).

Em 1 Ts 2,17, Paulo alude à sua saída forçada de Tessalónica, sentindo-se como que «desfilhado», para aludir à dor que sente um pai quando perde os seus filhos. A cultura grega, como a nossa, dá relevo aos filhos que perdem os pais, e as respectivas línguas designam essas crianças com o termo «órfãos». Há também os pais que perdem os filhos, mas a nossa cultura não lhes dá tanto relevo, e a nossa língua não tem um termo adequado para traduzir essa dor. A cultura hebraica sempre valorizou esta dor desses pais, e tem um termo para a dizer: *sh'êkôl, shikulîm*¹⁸⁷. Na verdade, é com *sh'êkôl* que a língua hebraica traduz o grego *aporphanisthéntes* de 1 Ts 2,17, que só encontramos aqui em toda a Escritura¹⁸⁸.

Detenhamo-nos agora no grande texto de 1 Ts 2,2-12:

«2,²Confiados (*eparrêsiásámetha*: aor. de *parrêsiázomai*) no nosso Deus, decidimos FALAR (*lalêsai*) a vós o Evangelho de Deus (*tò euaggélion toû theoû*) no meio de muita luta (*en pollô agôni*).

³Na verdade, a nossa exortação (*paráklêsis*) não nasce do erro nem da impureza nem do engano, ⁴mas, como fomos aprovados (*dedokimásmetha*: perf.

¹⁸⁵ A. C. THISELTON, *The First Epistle to the Corinthians*, p. 357-369.

¹⁸⁶ Acerca deste nascer e formar-se de Cristo em nós, ver B. R. GAVENTA, *The Maternity of Paul: An Exegetical Study of Galatians 4,19*, in R. T. FORTNA, B. R. GAVENTA (eds.), *The Conversation Continues: Studies in Paul and John*, Nashville, Abingdon, 1990, p. 189-201.

¹⁸⁷ Ver, a propósito de Is 49,20-21, P. BONNARD, *Le Second Isaïe, son Disciple et leurs éditeurs* (Isaïe 40-66), Paris, Gabalda, 1972, p. 226.

¹⁸⁸ Primo Gironi traduz por «tendo ficado órfãos», e Simon Legasse refere que, neste contexto, o verbo *aporphanizô* não tem de traduzir a dor do luto, mas pode bem traduzir apenas a dor da separação. Ver P. GIRONI, *Paolo come «madre» e come «padre»*, in *Paulus. International Magazine on Saint Paul*, Ano I, n.º 4, 2008, p. 11; S. LÉGASSE, *Les Épîtres de Paul aux Thessaloniens*, p. 168, nota 3.

pass. de *dokimázô*) da parte de Deus para nos ser confiado (*pisteuthênai*: inf. aor. pass. de *pisteúô*) o Evangelho (*tò euaggélion*), assim falamos (*laloûmen*), não como aos homens querendo agradar, mas a Deus, que põe à prova (*dokimázonti*: part. presente de *dokimázô*) os nossos corações. ⁵Tão-pouco nos apresentámos com palavras de adulação, como sabeis (*kathôs oídate*), nem com pretexto de lucro, Deus é testemunha, ⁶nem procurando dos homens glória, nem de vós, nem de outros, ⁷podendo estar na qualidade e autoridade de apóstolos de Cristo.

Pelo contrário, tornámo-nos crianças (*nêpioi*) no meio de vós, COMO UMA MÃE (*trophós*) que acalenta (*thálpê*) os próprios filhos (*heautês tékna*). ⁸Assim, cheios de afeição por vós (*homeirómenoi hymôn*), bem queríamos dar-vos (*eudokoûmen metadoûnai*), não apenas o evangelho de Deus (*tò euaggélion toû theoû*), mas também a nossa própria vida (*tàs heautôn psychás*), pois tornastes-vos queridos (*agapêtoi*) para nós. ⁹Recordais-vos (*mnêmoneúete*), de facto, irmãos, da nossa fadiga e do nosso esforço, trabalhando de noite e de dia, para não sermos pesados a nenhum de vós. Foi assim que vos PREGAMOS (*ekêryxamen*: aor. de *kêryssô*) o Evangelho de Deus. ¹⁰Vós sois testemunhas (*hymeis mártýres*), e Deus também o é, de quão puro, justo e irrepreensível tem sido o nosso modo de proceder para convosco, os que acreditais.

¹¹Como sabeis (*katháper oídate*) como a cada um de vós (*héna ékaston hymôn*), COMO UM PAI (*patêr*) aos seus próprios filhos (*tékna heautoû*), ¹²exortando-vos (*parakaloûntes*: part. de *parakaléo*) e encorajando (*paramythoûmenoi*: part. de *paramythéomai*) e confirmando (*martyrómenoi*: part. de *martýromai*), para que caminheis de modo digno a Deus, que vos está a chamar (*kaloûntos*: part. de *kaléo*) ao seu Reino e à sua glória» (1 Ts 2,2-12).

Não são precisas muitas explicações. A confiança, expressa na *parrêsía* (1 Ts 2,2)¹⁸⁹, na aprovação (*dokimázô*)¹⁹⁰ e na *pístis* [*emunah*] (1 Ts 2,4)¹⁹¹, é a condição para falar (*laléo*) o Evangelho de Deus (1 Ts 2,2 e 4), o bom dizer de Deus. «Acreditei, por isso falei (*epísteusá, diò elálêsa*); também nós acreditamos, e por isso falamos (*kai hêmeis pisteúomen, diò kai laloûmen*)» (2 Cor 4,13). No grego bíblico, o verbo *laléo* é um dos marcadores da revelação

¹⁸⁹ H.-Chr. HAHN, *Confianza, valentía (parrêsía)*, in L. COENEN, E. BEYREUTHER, H. BIETENHARD (eds.), *Diccionario teológico del Nuevo Testamento*, I, p. 295-297. *parrêsía* = *pâs rêsis* [= toda a palavra], da mesma raiz de *rêma*: *eirô* [= dizer]. Toda a palavra é toda a liberdade e confiança.

¹⁹⁰ S. LÉGASSE, *Les Épîtres de Paul aux Thessaloniens*, p. 118-119.

¹⁹¹ O. Michel, *Fe (pístis)*, in L. COENEN, E. BEYREUTHER, H. BIETENHARD (eds.), *Diccionario teológico del Nuevo Testamento*, II, p. 175-184.

de Deus¹⁹², e Paulo acentua essa imensão, pois põe em paralelismo *lalêô* e *kêrýssô* (2,2 e 9)¹⁹³.

Também são marcadores da revelação de Deus as metáforas, aqui em contraste e sobreposição, da criança e da mãe, da dependência e pequenez e da dedicação condescendente (1 Ts 2,7). Apóstolos como crianças (*népíos*), sem preconceitos ou prestígio a defender, que tudo recebem com simplicidade e alegria, e apóstolos como mães cheias de ternura, que se dão completamente aos seus filhos¹⁹⁴.

Népíos significa, à letra, «criança de peito», e, em sentido translato, «imaturado», «inocente», «dependente»¹⁹⁵. E *trophós* não significa exactamente «mãe», mas «ama de leite»¹⁹⁶. Mas como é dito logo a seguir que acalenta os próprios filhos, então é uma «ama» que é mãe, uma mãe que amamenta¹⁹⁷. O primeiro significado do verbo *thálpô*, que traduzimos por «acalantar» (1 Ts 2,7), é «aquecer» ou «chocar», como se encontra em Dt 22,6 [a ave-mãe no ninho sobre os filhos ou sobre os ovos] e em Jb 39,14 [a avestruz guarda os ovos na areia para os aquecer], e tem como sentido novo «cuidar com carinho», como se pode ver em Ef 5,29, para traduzir o relacionamento do marido e da esposa¹⁹⁸. É indubitável que *thálpô* transporta neste contexto maternal uma grande carga de afecto, logo sublinhada pelo uso do verbo raro *homeíromai* [= sentir afeição], que traduz uma relação de particular ternura e entranhado afecto¹⁹⁹. Evangelho total: o dom da salvação (*euaggélion*) e o dom da própria vida (*psychê*) (1 Ts 2,8). O dom da vida (*psychê*) não significa, neste contexto, disposição para o martírio estrito²⁰⁰, mas

¹⁹² I. DE LA POTTERIE, *The Hour of Jesus: The Passion and the Resurrection of Jesus according to John*, Nova Iorque, Alba House, 1989, p. 44; I. DE LA POTTERIE, *La vérité dans Saint Jean*, Roma, Biblical Institute Press, 1977, p. 40-42; I. DE LA POTTERIE, *Studi di Cristologia Giovannea*, Génova, Marietti, 3.^a ed., 1992, p. 93; M. J. HARRIS, *The Second Epistle to the Corinthians*, p. 352.

¹⁹³ S. LÉGASSE, *Les Épîtres de Paul aux Thessaloniens*, p. 91 e 113.

¹⁹⁴ A. WODKA, *Una teologia biblica del dare nel contesto della colletta paolina* (2 Cor 8-9), Roma, Pontificia Università Gregoriana, 2000, p. 88-91.

¹⁹⁵ P. MARECEK, *La preghiera di Gesù nel vangelo di Matteo. Uno studio esegetico-teologico*, Roma, Pontificia Università Gregoriana, 2000, p. 33; R. DI PAOLO, *Il servo di Dio porta il diritto alle nazioni. Analisi retorica di Matteo 11-12*, Roma, Pontificia Università Gregoriana, 2005, p. 67. Ver também o estudo alargado de S. LÉGASSE, *Jésus et l'enfant. «Enfants», «petits», et «simples» dans la tradition synoptique*, Paris, Gabalda, 1969, p. 168-185.

¹⁹⁶ Em Rm 16,12 são saudadas duas «trabalhadoras» do Evangelho, que dão pelos nomes de Trifena e Trifosa, provavelmente aludindo a este termo terno e intenso de *trophós*. Para esta alusão, ver P. GIRONI, *Paolo come «madre» e como «padre»*, in *Paulus. International Magazine on Saint Paul*, Ano I, n.º 4, 2008, p. 11.

¹⁹⁷ S. LÉGASSE, *Les Épîtres de Paul aux Thessaloniens*, p. 125.

¹⁹⁸ S. LÉGASSE, *Les Épîtres de Paul aux Thessaloniens*, p. 125, e nota 6; A. WODKA, *Una teologia biblica del dare nel contesto della colletta paolina* (2 Cor 8-9), p. 90, e nota 52.

¹⁹⁹ S. LÉGASSE, *Les Épîtres de Paul aux Thessaloniens*, p. 126, e nota 2; A. Wodka, *Una teologia biblica del dare nel contesto della colletta paolina* (2 Cor 8-9), p. 91, nota 55.

²⁰⁰ S. LÉGASSE, *Les Épîtres de Paul aux Thessaloniens*, p. 127

compartilhar (*metadoûnai*) diariamente aquilo que constitui a vida: o tempo, as energias, a saúde²⁰¹. É o que Paulo faz pelos cristãos de Corinto, consumindo-se totalmente, na activa e na passiva, património pessoal, não material, para e pelos seus filhos²⁰²:

«12,¹⁴Eis que é a terceira vez que estou pronto a vir ter convosco, e não serei um peso (*katanarkáo*)²⁰³, pois não procuro (*zêtéô*) as vossas coisas (*tà hymôn*), mas vós (*allà hymâs*). Não são, na verdade, os filhos (*tà tékna*) que devem entesourar (*thêsaurízô*) para os pais, mas os pais para os filhos. ¹⁵Quanto a mim, de bom grado me consumirei e serei consumido (*dapanêô kai ekdapanêthêsomai*) pela vossa vida (*hypèr tôn psychôn hymôn*)» (2 Cor 12,14-15).

É o que Prisca e Áquila fizeram por Paulo, arriscando a cabeça pela vida dele:

«16,³Saudai Prisca e Áquila, os meus cooperadores em Cristo Jesus, ⁴os quais pela minha vida (*hypèr tês psychês mou*) a sua cabeça arriscaram» (Rm 16,3-4).

Aí está um particular gesto de carinho de um pai que procura os seus filhos, eles mesmos, não os seus bens. Procura de um encontro que é um fim em si mesmo, sem meios²⁰⁴.

A preposição *hypèr* com genitivo é, nos contextos apresentados, uma expressão de forte carga teológica e técnica para indicar a oferta de Cristo por nós (*hypèr hêmôn*) ou por todos (*hypèr pántôn*) ou pelos nossos pecados (*hypèr tôn hamartiôn hêmôn*): Rm 5,8 (*hypèr hêmôn*); Rm 8,32 (*hypèr hêmôn*); 2 Cor 5,14-15 (*hypèr pántôn*); 2 Cor 5,21 (*hypèr hêmôn*); Gl 2,20 (*hypèr hemoû*); Gl 3,13 (*hypèr hêmôn*); 1 Ts 5,10 (*hypèr hêmôn*); 1 Cor 15,3 (*hypèr tôn hamartiôn hêmôn*); Gl 1,4 (*hypèr tôn hamartiôn hêmôn*). Tem a sua consagração na instituição da Eucaristia: «Isto é o meu corpo, que é para vós (*tò hypèr hymôn*)» (1 Cor 11,24)²⁰⁵. Saudemos esta imensa, concreta, inteira dádiva da vida por amor no quotidiano da vida

²⁰¹ G. HARDER, *Alma (psychê)*, in L. COENEN, E. BEYREUTHER, H. BIETENHARD (eds.), *Diccionario teológico del Nuevo Testamento*, I, p. 98.

²⁰² A. WODKA, *Una teologia biblica del dare nel contesto della colletta paolina* (2 Cor 8-9), p. 96-97, e nota 70.

²⁰³ Em todo o grego bíblico, este verbo é usado apenas nesta Segunda Carta aos Coríntios, e conta apenas três menções (2 Cor 11,9; 12,13 e 14). Na sua base está o «narcótico» (*nárkê*), que entorpece e anestesia as pessoas, deixando-as como um peso morto. «Peso» é, assim, o uso figurado deste verbo. Ver problemática alargada em M. J. HARRIS, *The Second Epistle to the Corinthians*, p. 760.

²⁰⁴ A. WODKA, *Una teologia biblica del dare nel contesto della colletta paolina* (2 Cor 8-9), p. 96.

²⁰⁵ A. WODKA, *Una teologia biblica del dare nel contesto della colletta paolina* (2 Cor 8-9), p. 97, nota 71.

cristã. Caminho de sentido que vem da Cruz e para ela aponta. A vida dada, no quotidiano como na Cruz, é dádiva de amor, bondade pura, beleza transparente e permanente. Não o belicoso *in hoc signo vinces*. Não heroicidade do tipo *kamikaze*. Nem dolorismo ou sofrimento pelo sofrimento (ver atrás. Ponto 5.).

De notar ainda o imperfeito *eudokoûmen* [= bem queríamos]²⁰⁶, que traduz o carácter continuado da dádiva da vida ou da partilha²⁰⁷. Mas esta atitude carinhosa e próxima, familiar, de radical doação, produz naturalmente os seus efeitos, derrubando todo o tipo de barreiras, e fazendo nascer atitudes novas de afecto entranhado. Debrucemo-nos com atenção e carinho sobre os dizeres cheios de ternura de Fl 1,7-8 e 2,19-22²⁰⁸:

«1,⁷Como é justo para mim isto pensar acerca de todos vós, pois tenho-vos no coração (*en tê kardía*), a vós que, nas minhas prisões e na defesa (*apología*) e confirmação (*bebaíôsis*) do Evangelho, todos sois participantes (*synkoinônoús*) da graça a mim dada. ⁸Minha testemunha (*mártys*) é Deus, de como desejo (*epipothéo*) a todos vós na ternura (*en splágchnois*) de Cristo Jesus» (Fl 1,7-8).

«2,¹⁹Espero, pois, no Senhor Jesus, mandar-vos em breve Timóteo, para que também eu fique de bom ânimo (*eupsychéō*)²⁰⁹ ao saber notícias de vós. ²⁰Não tenho, na verdade, ninguém de igual ânimo (*isópsychon*)²¹⁰, que com “generosidade” (*gnêsîs*)²¹¹ das vossas coisas cuide (*tà perì hymôn merimnêsei*). ²¹Todos, na verdade, as suas próprias coisas procuram (*tà heautôn zêtoûsin*), e não as coisas de Cristo. ²²A prova (*dokimê*)²¹² dele conheceis, pois como um filho (*téknon*) para com o pai (*patrí*) serviu comigo a causa do Evangelho» (Fl 2,19-22).

O afecto é uma linguagem que todos entendem e apreciam. Olhando atentamente para Paulo, não podemos deixar de nos espantar com a intensidade afectiva do seu relacionamento com as pessoas e comunidades²¹³, e também não

²⁰⁶ Imperfeito com omissão de aumento. Ver S. LÉGASSE, *Les Épîtres de Paul aux Thessaloniens*, p. 126, nota 3.

²⁰⁷ A. WODKA, *Una teologia biblica del dare nel contesto della colletta paolina* (2 Cor 8-9), p. 91.

²⁰⁸ C. M. MARTINI, *Il Vangelo di Paolo*, p. 67-68.

²⁰⁹ Usado só aqui no NT, encontra-se, porém, fora dos textos bíblicos. O verbo traz uma nota de alegria. J. L. SUMNEY, *Philippians*, p. 60.

²¹⁰ Adjectivo só usado aqui no NT, e raro na literatura a em geral. J. L. SUMNEY, *Philippians*, p. 60.

²¹¹ Qualidade de quem é igual a si mesmo. De *gínomai* [= nascer], raiz *gen*, latim *genus*. Os hebreus dizem *b'leb shalem* [= com o coração inteiro].

²¹² Só se encontra nos textos paulinos (Rm 5,4; 2 Cor 2,9; 8,2; 9,13; 13,3), e é de uso raro na literatura em geral. Diz-se a alguém com provas dadas, que é *dókimos*. Deriva do verbo *dokimázō*, «submeter a um teste», «a uma prova». J. L. SUMNEY, *Philippians*, p. 61.

²¹³ J.-Cl. INGALAERE, *Paul et l'exercice de l'autorité apostolique*, 133; S. LÉGASSE, *Les Épîtres de Paul aux Thessaloniens*, p. 69.

podemos deixar de perguntar se amamos, de facto, as pessoas, as comunidades cristãs e a Igreja, ou se actuamos como meros funcionários ou frios executores de ordens alheias²¹⁴.

Depois de ter comparado o trabalho dos Evangelizadores de Tessalónica com o de uma Mãe dedicada e carinhosa (1 Ts 2,7-10), Paulo recorre agora, em paralelismo, à imagem do Pai, para descrever, numa longa frase participial, a extremada, paciente e personalizada dedicação dos Evangelizadores de Tessalónica para com cada um dos seus filhos (1 Ts 2,11-12).

Olhando outra vez para o inteiro texto, não podemos deixar ainda de anotar a constante interacção e implicação com a comunidade, bem patente nas expressões «como sabeis» (1 Ts 2,5 e 11), «recordais-vos» (1 Ts 2,9), «vós sois testemunhas» (1 Ts 2,10), criando assim uma intensa articulação bilateral «nós-vós»²¹⁵. Mas há que considerar ainda a muito bela e muito paulina «relação triangular» ou «trilateral», que reclama permanentemente a ligação «nós, Deus e a comunidade», que se faz sentir particularmente na I Parte de 1 Ts (1,2-3,13), mas que se faz sentir também no resto da Carta²¹⁶. O belo texto sobre Timóteo (Fl 2,19-22) mostra outra particularidade muito paulina, a que vou chamar, no seguimento da caracterização de Albert Vanhoie que acabei de evocar, «relação quadrangular» ou «quadrilateral», pois deixa ver a articulação «eu, ele, Deus e vós (comunidade)». A inserção do novo elo «ele» traz para a cena a importância que Paulo dá aos seus cooperadores.

9. A outra rede da missão: muitos e bons cooperadores

Porque o amor de Cristo tomou conta dele e de nós (e de nós?) (*hê agápê toû Christoû synéchei hêmâs*) (2 Cor 5,14), programando-o inteiramente, transvasava dele. Não admira que Paulo tenha sabido rodear-se de MUITOS e BONS COOPERADORES (*synergoi*), quer presbíteros (*presbýteroi*) que «trabalham na palavra e na instrução (*kopiôntes en lógô kai didaskalía*)» (1 Tm 5,17), quer cristãos, mulheres e homens, empenhados no «trabalho do amor» (*ho kôpos tês agápês*) (1 Ts 1,3), a quem Paulo trata com elevada estima e entranhado afecto, como documenta, por exemplo, o chamado «Capítulo das Saudações» no final da Carta aos Romanos²¹⁷:

²¹⁴ A. WODKA, *Una teologia biblica del dare nel contesto della colletta paolina* (2 Cor 8-9), p. 87.

²¹⁵ S. LÉGASSE, *Les Épîtres de Paul aux Thessaloniens*, p. 69.

²¹⁶ Particularmente A. VANHOIE, *La Composition de 1 Thessaloniens*, in R. F. COLLINS (ed.), *The Thessalonian Correspondance*, Lovaina, Leuven University Press, 1990, p. 83-84. Ver também S. LÉGASSE, *Les Épîtres de Paul aux Thessaloniens*, p. 69-70.

²¹⁷ Foi muito discutida a inserção desta bela e extensa lista de nomes na Carta aos Romanos. Houve quem pensasse que se tratava de um anexo dirigido a Éfeso. É hoje inquestionável que esta

«16,¹Recomendo-vos Febe, nossa irmã (*adelphê hêmôn*), diaconisa (*diákonos*) da Igreja de Cêncreas, ²para que a recebais no Senhor (*en kyriô*), de modo digno dos santos (*hágioi*), e a assistais em tudo o que de vós necessitar, pois também ela foi benfeitora (*prostátis*) de muitos, e até de mim próprio. ³Saudai Prisca (diminutivo: Priscila) e Áquila, meus cooperadores (*synergói*) em Cristo Jesus (*en Christô Iêsoû*), ⁴os quais, para salvar a minha vida, expuseram a sua cabeça; e não sou apenas eu que lhes estou agradecido, mas também todas as igrejas dos gentios. ⁵Saudai também a Igreja que se reúne em sua casa. Saudai o meu querido (*agapêtós*) Epéneto, que constitui as primícias da Ásia para Cristo. ⁶Saudai Maria, que muito trabalhou (*kopiáô*) por vós. ⁷Saudai Andrónico e Júnia, meus parentes e companheiros de prisão, que se distinguiram entre os apóstolos (*apóstoloi*), e me precederam em Cristo (*en Christô*). ⁸Saudai Ampliato, que me é muito querido (*agapêtós*) no Senhor (*en kyriô*). ⁹Saudai Urbano, nosso cooperador (*synergós*) em Cristo (*en Christô*), e o meu querido (*agapêtós*) Estáquio. ¹⁰Saudai Apeles, provado em Cristo (*en Christô*). Saudai os da casa de Aristóbulo. ¹¹Saudai Herodião, meu parente. Saudai os da casa de Narciso, que estão no Senhor (*en kyriô*). ¹²Saudai Trifena e Trifosa, que trabalharam (*kopiáô*) no Senhor (*en kyriô*). Saudai a querida (*agapêtê*) Pérside, que muito trabalhou (*kopiáô*) no Senhor (*en kyriô*). ¹³Saudai Rufo, o eleito no Senhor (*en kyriô*), e sua mãe, que é também a minha. ¹⁴Saudai Assíncrito, Flegonte, Hermes, Pátrobas, Hermas, e os irmãos (*adelphói*) que estão com eles. ¹⁵Saudai Filólogo e Júlia, Nereu e sua irmã, e Olimpás, e todos os santos (*hagíoi*) que estão com eles» (Rm 16,1-15).

O que se pode aprender, em termos teológicos e pastorais, de uma lista de nomes!

Na peugada de Paulo, o desafio da formação séria, cuidada e alargada dos ministros ordenados e dos fiéis leigos não pode deixar de nos ocupar e preocupar também hoje. Vê-se bem que a coesão desta premurosa rede eclesial assenta, não apenas em sentimentos humanos de afecto – ainda que importantes –, mas «em Cristo» (*en Christô*) ou «no Senhor» (*en Kyriô*), locução tipicamente paulina que atravessa este pequeno texto de lés a lés (10 vezes), e que é um dos grandes marcadores do inteiro *Corpus Paulinum* com 130 citações: 83 vezes «em Cristo»; 47 vezes «no Senhor»²¹⁸. Em outro lugar, advertirá Paulo que Jesus Cristo é o

lista faz parte integrante da Carta aos Romanos. Ver síntese de posições e acerto final em A. Couto, *Romanos (Epístola aos)*, *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, Lisboa – São Paulo, Verbo, Edição Século XXI, Vol. 25, 2002, col.854-860. Assunto em questão nas cols. 857-858.

²¹⁸ A fórmula *en Christô* («em Cristo») e similares como *en Christô Iêsoû* («em Cristo Jesus») ou *en Kyriô* («no Senhor») encontram-se nas Cartas de S. Paulo por 130 vezes. Não entram na contabilidade apresentada as locuções «n'Ele» (*en autô*) e «no qual» (*en hô*). Fora do *Corpus Paulinum*,

único fundamento (*themélion*) posto (*keímenon*) para sempre por Deus (1 Cor 3,11), donde deriva a nossa existência, coerência e identidade²¹⁹.

O título de *diákonos* dado a Febe traduz a qualidade de «servidora» de Cristo, do Evangelho e da Comunidade, que caracteriza esta mulher de Cêncreas. É um título que Paulo se dá si mesmo e dá outros também a outros seus cooperadores²²⁰. E o trabalho (*kópos* / *kopiáô*) de Paulo e de Timóteo e de tantos cooperadores (*synergoí*) de Paulo é um dos marcadores do trabalho apostólico²²¹. Em 1 Tm 4,10, o verbo *kopiáô* [= trabalhar] aparece unido por um *kaí* [= e] epexegetico ao verbo *agônízô* [= lutar] – *kopiômen kaí agônizómetha* [= «trabalhamos e lutamos»] –, pelo que o trabalho da evangelização não se faz sem luta²²², o mesmo sucedendo em Cl 1,29, em que a evangelização de Paulo aparece traduzida pelo verbo *kopiáô* logo seguido pelo particípio do verbo *agonízô* – *kopiô agônizómenos* – [= «trabalho lutando»]. Entenda-se bem. Esta luta (*agôn*), que enche a vida de Paulo e dos seus cooperadores (1 Ts 2,2), e também a vida de Paulo e dos cristãos (Rm 15,30), não é uma guerra, mas o amor (*agápê*), a luta do amor, tendo os dois termos gregos a mesma raiz etimológica. Quem ama, luta. Paradoxo do amor: o amor faz-te feliz, matando-te! Quanto mais amas, lutas, e te matas a amar, mais te encontras: «Quem quiser salvar a sua vida, perdê-la-á; ao contrário, quem perder a sua vida por causa de mim, salvá-la-á» (Lc 9,24).

estas fórmulas encontram-se apenas no Livro dos Actos Apóstolos (4,2; 13,39), na Primeira Carta de S. Pedro (3,16.19; 5,10.14) e no Apocalipse (14,13). O IV Evangelho usa a correspondente *en autô* («n'Ele») por 24 vezes. Não se encontram nos Sinópticos. Trata-se, com certeza, de expressões autenticamente Paulinas, recolhidas na experiência e teologicamente elaboradas, para traduzir a comunhão mais íntima possível entre o cristão e Cristo Ressuscitado. Para a contabilidade e leitura apresentadas, seguimos J. D. G. DUNN, *The Theology of Paul the Apostle*, p. 396-401. Nas p. 401-404, Dunn apresenta ainda a locução «com Cristo», e os seus mais de 40 compostos com *syn*, dos quais mais de 20 só se encontram em S. Paulo. Nas p. 404-408, Dunn apresenta ainda as locuções «para Cristo» (*eis Christón*) e «por Cristo» (*dià Christoû*). Outras indicações, também importantes, podem ver-se em A. DEISSMANN, *Die neutestamentliche Formel «in Christo Jesu»*, Marburgo, N. G. Elwert, 1892, p. 97s.; F. PRAT, *La Théologie de Saint Paul*, II, Paris, Beauchesne, 1961, p. 476-480; O. KUSS, *San Pablo*, p. 365s.; O. KUSS, *Carta a los Romanos. Cartas a los Corintios. Carta a los Gálatas*, p. 91-92; G. BORNKAMM, *Pablo de Tarso*, p. 208-210; E. TESTA, *La soteriologia di San Paolo causa della sua cattività*, in *Liber Annuus*, 8, 1957-1958, p. 164-166; J. GNILKA, *Pablo de Tarso*, p. 246-251; M. J. HARRIS, *The Second Epistle to the Corinthians*, p. 431, e nota 52.

²¹⁹ *keímenon* é um particípio perfeito médio com sentido passivo. Enquanto perfeito, os seus efeitos são permanentes. Enquanto médio – passivo, é obra de Deus. A. C. THISELTON, *The First Epistle to the Corinthians*, p. 310.

²²⁰ Atrás, ponto 7.

²²¹ J. D. QUINN, W. C. Wacker, *The First and Second Letters to Timothy*, p. 450; S. LÉGASSE, *Les Épîtres de Paul aux Thessaloniciens*, p. 78 e 315.

²²² J. D. QUINN, W. C. Wacker, *The First and Second Letters to Timothy*, p. 380.

Não deixa de ser sintomático que Paulo anote esta bela luta na primeira e na última das suas Cartas autênticas (1 Ts 2,2; Rm 15,30), deixando nesta última referência um convite circunstancial e permanente:

«15,³⁰Exorto-vos, pois, irmãos, (...) a lutar comigo (*synagônísasthai moi*) nas orações (*en taís proseucháis*)» (Rm 15,30)²²³.

Mas esta lista de operadores do Evangelho, juntamente com Paulo, pode ser ainda muito alargada e enriquecida com nomes como Timóteo, Tito, Silvano (Silas nos Actos), Apolo, Epafros, Sóstenes, Tércio, Gaio, Estéfanos, Fortunato, Acaico, Tíquico, Quarto, Aristarco, Marcos, Lucas, Demas, Arquipo, Ápia, Epafrodito, Onésimo, Evódia e Síntique, e tantos outros, normalmente citados na apresentação (*titulatio*) ou na saudação (*salutatio*) final das Cartas.

Da rede de nomes referidos, destaca-se claramente Timóteo. Além da bela referência já atrás expressa (Fl 2,19-22), ele é apresentado por Paulo como «o meu cooperador» por excelência (*ho synergós mou*) (Rm 16,21), o «meu filho querido e fiel no Senhor (*mou téknov agapêtòn kai pistòn en kyriô*)» (1 Cor 4,17), «a obra do Senhor ele opera como eu (*érgon kyriou ergázetai hôs kagô*)» (1 Cor 16,10)²²⁴.

É ainda de salientar a presença do nome de Timóteo ao lado do de Paulo na apresentação (*titulatio*) de seis Cartas, como coautor ou coexpedidor: 2 Cor 1,1; Fl 1,1; Cl 1,1; 1 Ts 1,1; 2 Ts 1,1; Flm 1²²⁵. Também Silvano aparece como coautor ou coexpedidor, por duas vezes, ao lado de Paulo e Timóteo na apresentação (*titulatio*) de duas Cartas: 1 Ts 1,1; 2 Ts 1,1. O mesmo sucede com Sóstenes, dito «o irmão» (*ho adelphós*), que aparece associado ao nome de Paulo, como coautor ou coexpedidor, em 1 Cor 1,1.

«1,¹PAULO, chamado apóstolo de Cristo Jesus, por vontade de Deus, e SÓSTENES, o irmão...» (1 Cor 1,1).

«1,¹PAULO, apóstolo de Cristo Jesus, por vontade de Deus, e TIMÓTEO, o irmão...» (2 Cor 1,1).

«1,¹PAULO, apóstolo, não por parte dos homens nem por intermédio de um homem, mas por Jesus Cristo e Deus Pai, que o ressuscitou dos mortos, ²e TODOS OS IRMÃOS QUE ESTÃO COMIGO...» (Gl 1,1-2).

«1,¹PAULO e TIMÓTEO, escravos de Cristo Jesus...» (Fl 1,1).

²²³ O verbo *synagônízomai* tem aqui a sua única menção no grego bíblico. O verbo simples – *agônízomai* – encontra-se por oito vezes no NT. D. J. Moo, *The Epistle to the Romans*, p. 909, nota 14.

²²⁴ S. LÉGASSE, *Les Épîtres de Paul aux Thessaloniens*, p. 61; J. D. QUINN, W. C. Wacker, *The First and Second Letters to Timothy*, p. 55.

²²⁵ D. J. Moo, *The Epistle to the Romans*, p. 934; J. D. QUINN, W. C. Wacker, *The First and Second Letters to Timothy*, p. 55.

«1,¹PAULO, apóstolo de Cristo Jesus, por vontade de Deus, e TIMÓTEO, o irmão...» (Cl 1,1).

«1,¹PAULO e SILVANO e TIMÓTEO...» (1 Ts 1,1).

«1,¹PAULO e SILVANO e TIMÓTEO...» (2 Ts 1,1).

«¹PAULO, prisioneiro de Cristo Jesus, e TIMÓTEO, o irmão» (Flm 1).

Esta maneira de associar coautores ou coexpedidores na apresentação das cartas é extremamente rara nas cartas gregas do tempo, como decorre da análise de Ernest Randolph Richards²²⁶. Pode ser um dos modos de Paulo manifestar que não concebe o seu ministério sem cooperadores²²⁷.

Em tempos modernos, vêm-nos à mente as Cartas Pastorais D. Alois Kothgasser. No último ano do seu ministério episcopal em Innsbruck (Áustria), e pouco antes de ser nomeado Arcebispo de Salzburgo, D. Alois escreveu duas Cartas Pastorais bastante originais: a primeira, em Junho de 2002, dedicada ao «Pai Nosso», com o auxílio de sete crianças, e assinada por D. Alois Kothgasser e Pia, Lena, Viktoria, Barbara, Myriam, Nadine e Nina²²⁸; a segunda, em Setembro de 2002, dedicada à forma como os jovens encaram a Igreja, com a cooperação de doze jovens, e assinada desta maneira: “Wolfgang, Daniela, Elisabeth, Veronika, Christina, Birgit, Maria Bernadette, Simon, Clemens, Stefan, Maria-Magdalena, Christoph e, com gratidão e uma bênção, o vosso bispo Alois”²²⁹.

De notar ainda que, na apresentação de Cl 1,1 e Flm 1, Timóteo é dito «o irmão» (*ho adelphós*)²³⁰, o que sucede também Sóstenes (1 Cor 1,1).

O título caloroso de «irmão» (*adelphós*) aparece ainda associado a Febe (Rm 16,1), Quarto (Rm 16,23), Apolo (1 Cor 16,12), Tito (2 Cor 2,13), Epafrodito (Fl 2,25), Tíquico (Ef 6,21; Cl 4,7), Onésimo (Cl 4,9) e Ápia (*hê adelphê*) (Flm 2).

O título de «cooperador» (*synergós*), que mostra que, no trabalho da Evangelização, não há lugar para trabalhadores solitários²³¹, afecta ainda os nomes de Prisca e Áquila (Rm 16,3), Urbano (Rm 16,9), Tito (2 Cor 8,23), Epafrodito (Fl 2,25), Clemente e outros cujos nomes estão no livro da vida (Fl 4,3), Aristarco, Marcos e Jesus, dito o Justo (Cl 4,10-11), Filémon (Flm 1), Marcos, Aristarco, Demas e Lucas (Flm 24). Há ainda a registar a bela locução que define os Evan-

²²⁶ Da acurada análise de 645 cartas em papiro, levada a cabo por Ernest Randolph Richards, resulta que o fenómeno da coautoria ou coexpedição foi encontrado apenas em seis casos. E. R. RICHARDS, *The Secretary in the Letters of Paul*, Tubinga, Mohr-Seabeck, 1991, p. 47, nota 138. Ver A. C. THISELTON, *The First Epistle to the Corinthians*, p. 69.

²²⁷ A. C. THISELTON, *The First Epistle to the Corinthians*, p. 69.

²²⁸ Ver notícia em *Il Regno*, 17, 2002, p. 573.

²²⁹ Ver notícia em *Il Regno*, 7, 2003, p. 217-219.

²³⁰ Não se trata de um simples aposto, mas revela a afeição e cordialidade de Paulo pelos seus cooperadores. A. C. THISELTON, *The First Epistle to the Corinthians*, p. 69-70.

²³¹ D. J. MOO, *The Epistle to the Romans*, p. 927; G. BORNKAMM, *Pablo de Tarso*, p. 131-132.

gelizadores como «cooperadores da vossa alegria» (*synergoí tês cháris hymôn*) (2 Cor 1,24), e também aquela que faz ver os Evangelizadores como «cooperadores de Deus» (*theoû synergoí*) (1 Cor 3,9), sendo as comunidades «campo de Deus» (*theoû geôrgion*) e «construção de Deus» (*theoû oikodomê*) (1 Cor 3,9)²³².

10. Paulo, Tito e Corinto ou a história do anel verdadeiro

Para introduzir a temática comovente do reencontro de Paulo com a sua comunidade de Corinto, momentaneamente perdida, e ganha por Tito, que foi bem sucedido na sua viagem missionária a Corinto por solicitação de Paulo (2 Cor 8,16-17; 12,18), começo por evocar a «história dos três anéis»²³³. Trata-se de uma novela que circulava na Idade Média entre os judeus de Espanha, que aparece recolhida no *Decameron*, de Boccaccio (1313-1375), e que atingiu a máxima dimensão com o escritor alemão Gotthold Ephraim Lessing (1729-1781), que a incluiu no seu poema dramático *Nathan der Weise* [= «Natã, o sábio»], escrito em 1779.

A novela dos três anéis conta-nos que havia, no Oriente, um homem muito rico, que possuía um anel que tinha o condão de tornar feliz e querido e estimado por Deus e pelos homens aquele que o usasse. Ao longo de muitas gerações, o precioso anel transitou sempre de pai para filho, sendo herdado pelo filho predilecto. Até ao dia em que um pai se encontrou na difícil situação de ter de escolher o herdeiro do anel entre três filhos igualmente queridos. Para resolver a situação, aquele pai optou por mandar fazer, às escondidas, mais dois anéis iguais, no aspecto, ao original. Pouco antes de morrer, aquele pai entregou a cada filho um anel, ficando cada um deles a pensar que tinha sido o escolhido pelo pai para herdar o precioso anel. Mas quando os três filhos se encontraram frente a frente, cada um com o seu anel, aperceberam-se logo de que tinha havido falcaturia, e começou logo ali a guerra pelo reconhecimento do anel verdadeiro. Depois de muitos anos de guerra e sofrimento, os três irmãos decidiram comparecer perante um juiz, para que este dirimisse a questão. Depois de ouvir a história das virtualidades do anel, segundo a qual o anel verdadeiro tinha o condão de tornar o seu portador querido e estimado pelos outros, o juiz quis então saber qual dos três irmãos era o mais querido pelos outros. Como nenhum dos três ousasse responder, o juiz compreendeu que estava perante três malvados merecedores de castigo. Mas, em vez de os castigar, achou melhor

²³² Para os problemas de tradução, ver A. C. THISELTON, *The First Epistle to the Corinthians*, p. 303-306.

²³³ Ver K.-J. KUSCHEL, «L'ebreo, il cristiano e il musulmano s'incontrano»? «Nathan il saggio» di Lessing, Brescia, Queriniana, 2006.

tecer algumas considerações: «Pensai que o vosso pai não vos enganou, mas que não quis submeter-se à tirania de um único anel verdadeiro». E deu-lhes um conselho: «Adiemos a questão de saber qual é o único anel verdadeiro, e que cada um de vós se esforce, entretanto, por fazer com que o seu anel seja o verdadeiro, agindo de maneira a tornar-se querido e estimado pelos outros. E lá há-de vir, um dia, um juiz, daqui a milhares de anos, que, analisando o que entretanto conseguirdes fazer, ditará a sentença definitiva».

Aí está o laborioso «trabalho do amor». Os sólidos fundamentos deste amor novo e subversivo de Cristo Jesus foram lançados em Corinto por Paulo, Silvano e Timóteo (2 Cor 1,19), com paciência e dedicação paternal (1 Cor 4,14-15). Com o andar do tempo, porém, e depois da saída de Paulo para Éfeso, parece que Corinto se esqueceu do seu primeiro amor e se pôs à escuta de outro evangelho (2 Cor 11,4)²³⁴:

«11,⁴Se, na verdade, o que vem (*ho erchómenos*) outro Jesus anuncia (*állon Iê-soûn kêrýssei*) que nós não anunciámos (*ekêrýxamen*: aor. de *kêrýssô*), ou outro Espírito recebeis que não recebestes, ou outro Evangelho que não recebestes bem o agarrais» (2 Cor 11,4).

De Éfeso, coração da Ásia²³⁵, Paulo acompanha, com dor e amor, o andamento das coisas em Corinto, e escreve uma Carta de apologia do seu ministério e de advertência aos coríntios (2 Cor 2,14-7,4)²³⁶. Empreende depois uma viagem-relâmpago a Corinto, de que há indícios em 2 Cor 13,2. A viagem não teve o sucesso desejado. Corinto vivia uma enorme confusão. Paulo sofre uma afronta inesperada (2 Cor 2,5; 7,12), e regressa a Éfeso com o seu coração de pai amargurado (2 Cor 2,4)²³⁷. É então que Paulo escreve a chamada «Carta das lágrimas» (2 Cor 10-13), apelando aos bons sentimentos dos coríntios e defendendo o seu ministério contra aqueles a que ele chama «super-apóstolos» (*hyperlían apóstoloi*) (2 Cor 11,5; 12,11) ou «falsos apóstolos» (*pseudapóstoloi*) (2 Cor 11,13). É uma Carta emocionada e comovedora. E com ela, numa delicadíssima missão, envia Tito (2 Cor 8,17; 12,18), ficando Paulo, extremamente ansioso, em Éfeso, à espera de notícias de Corinto. Estaria para sempre partido o anel que unia

²³⁴ G. BORNKAMM, *Pablo de Tarso*, p. 118-119.

²³⁵ Éfeso era então a primeira cidade da Ásia e a quarta do Império Romano, depois de Roma, Alexandria e Antioquia. Cruzamento de vias de comunicação, de Éfeso partia para Oriente a velha estrada real persa em direcção a Sardes e ao Eufrates, passando por Filadélfia, Hierápolis, Apameia e Antioquia da Pisídia. Outra estrada seguia para Norte, para Tróade, passando por Esmirna e Pérgamo. Ver J. BECKER, *Paul «L'Apôtre des nations»*, p. 182.

²³⁶ G. BORNKAMM, *Pablo de Tarso*, p. 120-121 e 308.

²³⁷ G. BORNKAMM, *Pablo de Tarso*, p. 121; J. BECKER, *Paul «L'Apôtre des nations»*, p. 190.

Corinto a Cristo, seu único esposo, noivado que Paulo, no seu papel de pai, devia defender com paternal afecto até ao dia do casamento, para aí apresentar a sua filha querida, Corinto, ao esposo, que é Cristo? (2 Cor 11,2)²³⁸.

Na verdade, Paulo não consegue ficar à espera em Éfeso. Parte para Tróade. O resto da história pode ver-se na narrativa do próprio Paulo, num pedaço da chamada «Carta da Reconciliação» (2 Cor 1,1-2,13; 7,5-16), ela própria formando as duas metades de um anel partido²³⁹, agora recomposto (veja-se como, em termos literários, 2 Cor 2,13 se liga bem a 2 Cor 7,5)²⁴⁰:

«2,¹²Tendo chegado a Tróade para o Evangelho de Cristo (*eis tò euaggélion toú Christoú*), e tendo-me sido aberta uma porta no Senhor, ¹³não tive repouso no meu espírito por não ter encontrado Tito, o meu irmão (*tòn adelphòn mou*). Tendo-me separado deles, fui para a Macedónia» (2 Cor 2,12-13).

«7,⁵E tendo nós chegado à Macedónia, não teve nenhum repouso a nossa carne, mas em tudo fomos atribulados: de fora, combates; de dentro, medos. ⁶Mas o que consola (*parakalôn*) os humildes, Deus, consolou-nos a nós com a chegada (*parousía*) de Tito. ⁷Não só com a sua chegada, mas também com a consolação com que ele foi consolado junto de vós, relatando-nos o vosso desejo, a vossa lamentação, o vosso zelo por mim, de tal modo que me alegrei ainda mais. ⁸Porque, ainda que vos tenha entristecido com a carta, não me arrependo; e ainda que me arrependesse – vejo, de facto, que aquela carta vos entristeceu, ainda que durante uma hora –, ⁹agora alegre-me, não porque vos entristecestes, mas porque vos entristecestes para a conversão (*metánoia*); na verdade, vós entristecestes-vos segundo Deus, e assim em nada fostes prejudicados por nós. ¹⁰Na verdade, a tristeza segundo Deus opera a conversão para a salvação sem arrependimento; ao contrário, a tristeza do mundo produz a morte. ¹¹Vede, portanto, o que produziu em vós a tristeza segundo Deus: que diligência (*spoudê*), que desculpas (*apología*), que indignação (*aganáktêsis*), que temor (*phóbos*), que desejo (*epipóthêsis*), que zelo (*zêlos*), que punição (*ekdikêsis*)! Em tudo demonstrastes estar puros no que respeita àquela questão. ¹²Portanto, se vos escrevi, não foi por causa daquele que cometeu injustiça, nem por causa do que sofreu a injustiça, mas para que se manifestasse entre vós, diante de Deus, a vossa diligência por nós. ¹³É por isto que fomos consolados (*parakeklêmetha*: perf. pass. de *parakaléo*). Mas, para além desta nossa consolação, ainda nos alegrámos mais pela alegria (*chará*) de Tito, porque

²³⁸ M. J. HARRIS, *The Second Epistle to the Corinthians*, p. 736-738.

²³⁹ A expressão, neste contexto, das duas metades de um anel partido, remonta a Johannes Weiss, citado por G. BORNKAMM, *Pablo de Tarso*, p. 308.

²⁴⁰ M. J. HARRIS, *The Second Epistle to the Corinthians*, p. 522-527.

o seu espírito recebeu repouso (*anapépautai*: perf. pas. de *anapáuiō*) de todos vós. ¹⁴(...). ¹⁵A ternura (*tà splágchna*) dele para convosco é maior, recordando a obediência de todos vós, o modo como com temor e tremor o acolhestes. ¹⁶Alegro-me porque conto convosco para tudo» (2 Cor 7,5-16).

O referido e tão aguardado encontro entre Paulo e Tito dá-se provavelmente em Filipos²⁴¹. Paulo tinha ficado em Éfeso ansiosamente à espera do regresso de Tito. Não podendo aguentar mais a espera ansiosa das notícias de Corinto – e talvez também porque, em Éfeso, se viu entretanto a braços com perigos extremos (alusão em 2 Cor 1,8) provocados com certeza pelos judaizantes²⁴² –, Paulo resolveu encurtar o tempo do encontro com o muito esperado Tito. Para encurtar o tempo, não restava a Paulo senão encurtar o caminho. Por isso e para isso, Paulo partiu de Éfeso por terra a caminho da Macedónia, fazendo o caminho inverso ao que faria Tito no seu regresso de Corinto a Éfeso, via Macedónia. Falando de si mesmo nestas circunstâncias, Paulo mostra, na 2 Carta aos Coríntios, a ânsia extrema («sem repouso o espírito»; «sem nenhum repouso a carne») que lhe apertava o coração (2 Cor 2,13; 7,5). Mas a tensão que o minava resolveu-se na Macedónia, provavelmente em Filipos, pois Deus concedeu-lhe aí a alegria de encontrar Tito, que felizmente trazia boas notícias de Corinto (2 Cor 7,6-7). Este encontro e estas notícias mudaram por completo o estado de alma do Apóstolo, que logo ali, provavelmente em Filipos, terá escrito e enviado para Corinto uma «Carta de reconciliação», de que ainda se conservam fragmentos em 2 Cor 1,1-2,13; 7,5-16.

É bonito de ver Paulo a alegrar-se com o sucesso de Tito. Uma vez mais vem ao de cima o afecto e a estima de Paulo pelos seus cooperadores. Mas está também bem patente a alegria de Paulo pela fidelidade da sua comunidade e filha querida (1 Cor 4,15; 2 Cor 11,2). E ainda a ternura (*splágchna*) do evangelizador. Cristo, Paulo, Tito, Corinto, uma história de dor e amor «quadrilateral», e um anel de fidelidade finalmente «aprovado» no cadinho da vida (2 Cor 13,5).

11. A viagem da «comunhão»

Enviada, provavelmente desde Filipos, a «Carta da reconciliação», Paulo segue logo também para Corinto, naquela que se pode chamar «a viagem da reconciliação». De Corinto escreverá, talvez no inverno de 55/56, a grande Carta aos

²⁴¹ Neste contexto, Macedónia significa Filipos. Ver M. J. HARRIS, *The Second Epistle to the Corinthians*, p. 104, e nota 251. Mas pode igualmente ter a ver com Tessalónica ou Bereia. Sempre M. J. HARRIS, *The Second Epistle to the Corinthians*, p. 104, e nota 255.

²⁴² J. BECKER, *Paul «L'Apôtre des nations»*, p. 190-191 e 258.

Romanos, o seu último escrito autêntico e seu testamento espiritual. Nessa Carta, Paulo refere que deu por terminada a sua missão na parte oriental do império (Rm 15,19 e 23), e que, antes de se dirigir a Roma e mesmo à Espanha (Rm 15,23-24 e 28), se prepara agora para partir para Jerusalém na mais arriscada das suas viagens. Viagem histórico-geográfica, mas sobretudo eclesial. É a viagem da sua vida: a viagem da comunhão das igrejas em Cristo, quer as oriundas do judaísmo quer as oriundas do paganismo. É pela fé em Cristo que todos, judeus e gentios, são justificados [= transformados por Deus de pecadores em justos] e salvos. A Carta aos Romanos é, portanto, a magna carta da unidade e da liberdade das igrejas em Cristo. Último escrito saído da mão de Paulo, obra madura, amadurecida nas esperanças e nas dores, súmula das suas cartas anteriores (1 Ts, Gl, Fl, 1 Cor, 2 Cor, Flm) e de todas elas a mais extensa (7101 palavras) e completa, a Epístola aos Romanos pode considerar-se também o seu testamento. De facto, Paulo vive, anuncia, ensina e escreve a unidade e a liberdade de todos em Cristo, e é por esta realidade que dará a vida.

Na verdade, Paulo tem consciência de que o projecto que o espera é decisivo e arriscado: ir a Jerusalém entregar o fruto da «colecta», significativamente dita «comunhão» (*koinônía*) (Rm 15,26; 2 Cor 8,4; 9,13; cf. Fl 4,15)²⁴³, verdadeiro *hápax phainómenon* no cristianismo antigo²⁴⁴. De facto, Paulo partirá de Corinto para Jerusalém, provavelmente na primavera de 56, e faz-se acompanhar, também significativamente, de uma delegação de representantes das Igrejas por ele fundadas na Grécia (Acaia), na Macedónia e na Ásia Menor (Act 20,4). Com tal procedimento, o que Paulo está, na verdade, para empreender agora é a viagem da sua vida, a «viagem da comunhão», da unidade das Igrejas em Cristo. E uma questão paira no espírito do Apóstolo: como é que a Igreja-mãe de Jerusalém, acentuadamente judeo-cristã, acolherá a «colecta» das Igrejas da gentilidade? Aceitará ou denunciará a «comunhão»? Consciente das dificuldades e manifestando grande apreensão, Paulo pede aos cristãos de Roma que «lutem com ele na oração» pelo bom resultado desta viagem (Rm 15,30-31).

Como sabemos, Paulo será preso em Jerusalém. Daqui seguirá para Cesareia e para Roma, onde dará a sua vida por Cristo e pela unidade das Igrejas em Cristo.

²⁴³ O termo *koinônía* encontra-se apenas três vezes nos LXX, e parece ter sido introduzido por Paulo no vocabulário cristão, para referir a intimidade do amor existente na comunidade cristã, que expressa uma comunhão vertical e horizontal que supera todos os calculismos e institui um habitat fraternal permanente de doadores e de recebedores. Encontra-se 134 vezes no *corpus paulinum*, e apenas 19 vezes no resto do NT. S. LÉGASSE, *L'Épître de Paul aux Romains*, p.934, nota 42; D. J. Moo, *The Epistle to the Romans*, p. 903; A. WODKA, *Una teologia biblica del dare nel contesto della colletta paolina* (2 Cor 8-9), p. 168-170.

²⁴⁴ A. Wodka, *Una teologia biblica del dare nel contesto della colletta paolina* (2 Cor 8-9), p. 18-19.

12. O rosto missionário das Igrejas: a missão coração a coração

Em 2004, por ocasião dos 1250 anos do martírio de S. Bonifácio, Apóstolo da Alemanha, o Cardeal Karl Lehmann, Arcebispo de Mogúncia (Mainz), dirigiu à sua Diocese uma Carta Pastoral, intitulada *Testemunho missionário*, em que se lê:

«Tornámo-nos um mundo velho. Deixámo-nos vencer pelo cansaço (...). É necessário um radical revigoramento missionário da nossa Igreja. Não se trata apenas de reformar as estruturas. É preciso começar por cada um de nós. Se não estivermos entusiasmados pela profundidade e pela beleza da nossa fé, não podemos verdadeiramente transmiti-la nem aos vizinhos nem aos filhos nem às gerações futuras. (...) É necessário também ganhar outras pessoas para a nossa fé cristã e arrastar os cristãos que cederam ao cansaço ou que até abandonaram a Igreja (...). Devemos difundir verdadeiramente o Evangelho de casa em casa, de coração a coração»²⁴⁵.

Nesta Carta Pastoral, o Cardeal Lehmann traça um quadro realista de uma Igreja que parece envelhecida e cansada, mas aponta também, com mestria e clarividência, as coordenadas que devem moldar o rumo do futuro: não basta reformar por fora estruturas e edifícios; é preciso reformar por dentro, mudar o coração, acendê-lo com a luz nova de Cristo e do seu Evangelho.

A Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*, n.º 46, de Paulo VI, de 8 de Dezembro de 1975, de depois de falar da importância da pregação feita para todos, refere logo também a validade e a importância da transmissão «de pessoa para pessoa». E a Nota Pastoral da Conferência Episcopal Italiana, intitulada *O rosto missionário das paróquias num mundo em mudança* (n.º 6), de 30 de Maio de 2004²⁴⁶, acentua que «para a evangelização é essencial a comunicação de crente para crente, de pessoa a pessoa», aspecto que volta a ser salientado na recente *Nota doutrinal sobre alguns aspectos da evangelização*, n.º 11, da Congregação para a Doutrina da Fé, de 3 de Dezembro de 2007²⁴⁷.

No mesmo sentido, na cerimónia de encerramento do Congresso Internacional realizado em Roma, de 09 a 11 de Março de 2006, para celebrar e reflectir sobre o Decreto Conciliar *Ad Gentes*, no quadragésimo ano da sua promulgação (07 de Dezembro de 1965), referiu o Papa Bento XVI, entre outras coisas, que:

²⁴⁵ Texto na Revista *Il Regno*, 17, 2004, p. 544.

²⁴⁶ CONFERÊNCIA EPISCOPAL ITALIANA, Nota Pastoral *Il volto missionario delle parrocchie in un mondo che cambia*, de 30 de Maio de 2004.

²⁴⁷ CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ, *Nota dottrinale su alcuni aspetti dell'evangelizzazione*, 3 de Dezembro de 2007.

«Não são, de facto, somente os povos não-cristãos e as terras distantes, mas também os âmbitos sócio-culturais, e, principalmente os corações, os verdadeiros destinatários da actividade missionária do Povo de Deus».

E, nas palavras proferidas antes da Oração do Angelus do 80.º Dia Missionário Mundial (22.10.2006), Bento XVI acentuou esta dinâmica afirmando agora que «A missão parte do coração».

Novo tempo, novo modo, nova Anunciação, nova missão coração a coração. Aí está muito do novo estilo e da nova mentalidade que Bento XVI acaba de pedir à comunidade eclesial portuguesa, no seu Discurso, de 10 de Novembro de 2007, aos Bispos portugueses na recente *Visita ad Limina*. Bento XVI partiu da constatação de que «a confissão mais frequente nos lábios dos cristãos foi a falta de participação na vida comunitária», para referir logo que «é preciso mudar o estilo de organização da comunidade eclesial portuguesa e a mentalidade dos seus membros», e acrescentou que na «eclesiologia de comunhão na senda do Concílio», os clérigos e os leigos, cada um nas suas funções, devem tomar consciência de que «todos somos um, desde quando fomos baptizados e integrados na família dos filhos de Deus, e todos somos corresponsáveis pelo crescimento da Igreja».

O que acabo de dizer, os desafios assinados e datados que acabo de formular no domínio da metodologia da Evangelização, nomeadamente a relação personalizada, íntima e calorosa, «coração a coração» – é assim que brota a missão do coração de Deus –, e a participação de todos neste «trabalho do amor», tudo isto se desdobra muito bem do labor missionário de S. Paulo.

13. Evangelizar é a nossa maneira de ser

Diz Paulo a Timóteo, mas nós podemos também receber estas palavras oportunas:

«1,⁶Recordo-te (*anamimnêskô*) que reavives (*anazôpyrêin*) o carisma (*tô chárisma*) de Deus que está em ti» (cf. 2 Tm 1,6).

Reavivar o carisma é reacender o dom de Deus, como o fogo que se reacende das cinzas, como se vê pelo verbo grego *anazôpyrêō* – usado só aqui no NT e duas vezes nos LXX (Gn 45,27; 1 Mac 13,7)²⁴⁸ –, e como bem explica o Papa João

²⁴⁸ J. D. QUINN, W. C. WACKER, *The First and Second Letters to Timothy*, p. 590. São significativos os dois textos dos LXX: em Gn 45,27, é dito que, quando os filhos de Jacob lhe deram a entender que o seu filho José estava vivo, «o espírito do seu pai Jacob reacendeu-se»; em 1 Mac 13,7, é dito que, ao ouvir o discurso inflamado de Simão, «se reacendeu o espírito do povo ao ouvirem essas palavras».

Paulo II na Exortação Apostólica *Pastores Dabo Vobis*, n.º 70, de 25 de Março de 1992. Para que o dom de anunciar o Evangelho arda no nosso coração, mas arda também no coração de cada baptizado, dado que evangelizar é a nossa maneira de ser, mas é também a maneira de ser da Igreja, de toda a Igreja (*Evangelii Nuntiandi*, n.º 14; *Redemptoris Missio*, n.º 62), isto é, de todos os cristãos, de todas as dioceses e paróquias, instituições e associações eclesiais (*Redemptoris Missio*, n.º 2 e 61-76; *Novo millennio Ineunte*, n.º 40; Instrução *Diálogo e Anúncio*, n.º 82²⁴⁹; Documento *Diálogo e Missão*, n.º 10 e 14)²⁵⁰.

Consciente da importância da Evangelização, Paulo VI traçou bem e fundo o perfil evangelizador da Igreja:

«Evangelizar constitui, de facto, a graça e a vocação própria da Igreja, a sua identidade mais profunda. A Igreja existe para Evangelizar»²⁵¹.

E numa recente Nota Pastoral, a Conferência Episcopal Italiana deixou escrito com eloquente beleza e precisão:

«A Evangelização é o fundamento de tudo e deve ter o primado sobre tudo; nada a pode substituir e nenhuma outra tarefa se pode antepor-lhe»²⁵².

O nosso serviço de evangelização já não pode consistir simplesmente em evangelizar o outro até um certo ponto, mas em evangelizá-lo até que ele sinta a necessidade de se constituir em evangelizador. Então sim, evangelizar será a nossa (de todos) maneira de ser. E estaremos sintonizados com o Apóstolo Paulo.

²⁴⁹ PONTIFÍCIO CONSELHO PARA O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO e CONGREGAÇÃO PARA A EVANGELIZAÇÃO DOS POVOS, *Istruzione Dialogo e annuncio: Riflessioni e orientamenti sull'annuncio del vangelo e il dialogo interreligioso*, 19 de Maio de 1991.

²⁵⁰ SECRETARIADO PARA OS NÃO-CRISTÃOS, Documento *L'atteggiamento della Chiesa di fronte ai seguaci di altre religioni. Riflessioni e orientamenti su dialogo e missione*, 10 de Junho de 1984.

²⁵¹ PAULO VI, Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi* (EN), de 8 de Dezembro de 1975, n.º 14.

²⁵² CONFERÊNCIA EPISCOPAL ITALIANA, *Questa è la Nostra Fede. Nota pastorale sul primo annuncio del Vangelo* (QNF), de 15 de Maio de 2005, n.º 2.